

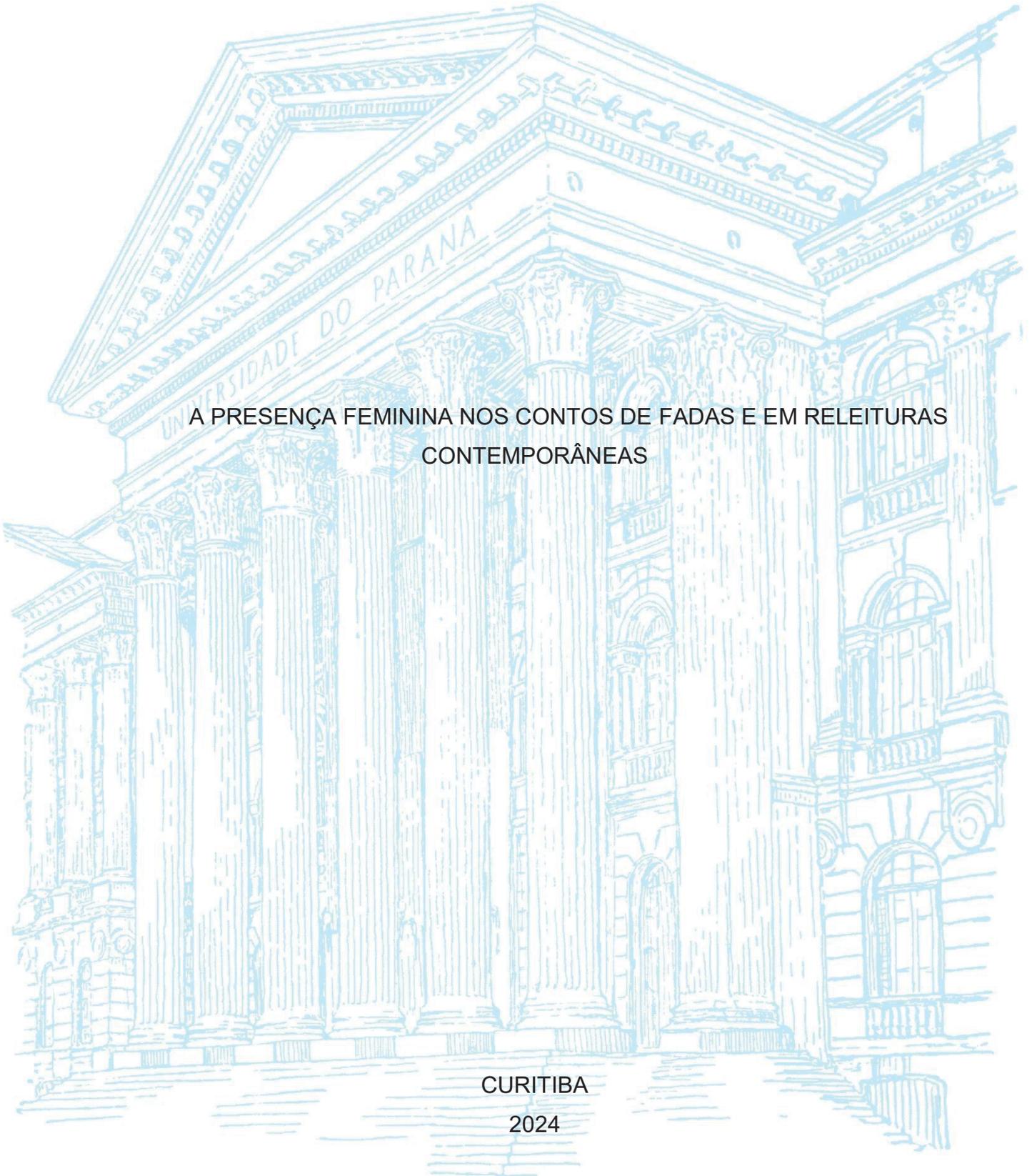
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TÂNIA MARA MAZON BARRETO

A PRESENÇA FEMININA NOS CONTOS DE FADAS E EM RELEITURAS
CONTEMPORÂNEAS

CURITIBA

2024



TÂNIA MARA MAZON BARRETO

A PRESENÇA FEMININA NOS CONTOS DE FADAS E EM RELEITURAS
CONTEMPORÂNEAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, no Setor de Ciências Sociais Aplicadas, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Gestão da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio do Socorro Marques Ribeiro Bessa

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Barreto, Tânia Mara Mazon

A presença feminina nos contos de fadas e em releituras contemporâneas / Tânia Mara Mazon Barreto. – Curitiba, 2024.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação
em Gestão da Informação.

Orientadora: Prof. Dr. Marco Antônio do Socorro Marques
Ribeiro Bessa.

1. Gestão da informação. 2. Contos de fadas. 3. Literatura
infantojuvenil. 4. Feminismo. 5. Identidade de gênero. I. Bessa,
Marco Antônio do Socorro Marques Ribeiro. II. Universidade
Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Gestão da
Informação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Lidiane Herculano Graciosa CRB-9/2008

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação GESTÃO DA INFORMAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **TÂNIA MARA MAZON BARRETO** intitulada: **A PRESENÇA FEMININA NOS CONTOS DE FADAS E EM RELEITURAS CONTEMPORÂNEAS**, sob orientação do Prof. Dr. MARCO ANTONIO DO SOCORRO MARQUES RIBEIRO BESSA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 30 de Abril de 2024.



MARCO ANTONIO DO SOCORRO MARQUES RIBEIRO BESSA
Presidente da Banca Examinadora



ANDRÉ VIEIRA DE FREITAS ARAUJO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



DENISE DE CAMARGO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ)

*Aos meus pais que sempre acreditaram no poder da educação.
Para Isabella, minha sobrinha, a melhor escritora e contadora de
histórias e inspiração para a elaboração desta pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao poder da fé e do universo por me trazerem até aqui, me mostrando todos os dias através de cada detalhe que eu sou capaz.

Gratidão a minha mãe Leonice e ao meu pai Paulo que sempre estiveram presentes na minha vida e sempre me incentivaram a seguir fazendo o que gosto.

Agradeço ao meu esposo Ronnie que acompanhou de perto toda essa trajetória no mestrado, com seus altos e baixos, me abraçando na dor e se alegrando junto comigo nas conquistas.

Ser mestranda não é fácil, e ser família de mestranda também não. Mas quando temos acolhimento e respeito o caminho é mais florido, então gostaria de agradecer a minha família por nos detalhes me proporcionar momentos de alegria e descontração ao longo desse percurso.

Obrigada a minha sobrinha Isabella (Grande inspiração para esta pesquisa e a melhor escritora e contadora de histórias do universo), ver você crescendo, sendo livre e gostando tanto de leitura e de escrever é uma dádiva.

Agradeço a minha amiga, comadre e a pessoa que compartilha as melhores histórias e os melhores memes, Audren. Amiga que compartilha as alegrias e as dores de ser quem se é. Mulher loba, potente, caminhante, artista e subversiva. Obrigada por compartilhar as dores e as delícias da vida acadêmica.

Gratidão a minha amiga Geovana, por compartilhar comigo esse percurso como bolsista, sempre agradeço a Deus pelas pessoas que ficam na minha vida, pessoas sempre tão especiais. Você com certeza tornou esse percurso mais leve, me ajudou demais, sou muito grata. Obrigada pelas conversas, pelos cafés, pelas idas à biblioteca.

Agradeço ao meu orientador pela oportunidade de conhecer e participar de suas aulas no curso de Medicina, com certeza foi um privilégio incrível. Muito obrigada pelas orientações, pelas notícias e artigos compartilhados e pelas dicas de filmes, séries e livros. Obrigada por acreditar no meu potencial e por abraçar minha pesquisa.

Gostaria de agradecer a professora Denise de Camargo pelo conhecimento compartilhado, um ser humano incrível e uma pesquisadora maravilhosa.

Agradeço ao Professor André Vieira de Freitas Araujo por aceitar participar da minha qualificação e defesa. Agradeço pelo exemplo que me motivou a continuar, mesmo sem saber, quando na primeira aula de redação científica descobri que também era da área de Biblioteconomia e História, me fazendo não me sentir um “peixe fora da água”, muito obrigada.

Obrigada a todos os colegas de mestrado e doutorado que de alguma forma trocaram conhecimentos e momentos de descontração.

Agradeço a Dani, companheira de orientação. Por todos os momentos de risadas, fotos, cafés, pela companhia em todas as matérias do mestrado.

Gostaria de agradecer a Simone secretária do PPGGI, na verdade muito, além disso, uma pessoa abençoada que esteve junto comigo em todos os processos do mestrado. Socorrendo e me ouvindo sempre que necessário. Minha eterna gratidão por tudo Si.

Agradeço a professora Paula, por me acolher na Revista *AtoZ* durante toda a trajetória do mestrado, por me aconselhar lá no início quando a dúvida sobre estar no lugar certo tomou conta do meu coração, seus conselhos foram importantes. Obrigada por confiar no meu trabalho e no meu comprometimento, me convidando a participar dos eventos e da organização.

Gratidão a minha rede de apoio: Heloisa Serra minha naturoterapeuta e amiga que acompanha há muitos anos e viu o sonho do mestrado ganhando forma e agora se concretizando. Assim como minha Psicóloga Suellen Sesola que está presente na minha vida há muitos anos e me ajudou a me fortalecer em diversos aspectos. É massa demais perceber essa evolução e ter aprendido a festejar cada conquista. Minha eterna gratidão.

Que nada nos defina que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.

Simone de Beauvoir

RESUMO

A salvaguarda de informações através do tempo é uma questão fundamental para a preservação tanto da história, da cultura e das tradições de um povo, quanto para a evolução da arte e do entretenimento. Isso é verdade desde os tempos mais antigos, quando as histórias eram transmitidas oralmente, até os dias de hoje, em que a tecnologia permite guardar e disseminar informações de maneira cada vez mais eficiente. Os contos de fadas surgiram nesse contexto da oralidade a fim de entreter as comunidades que os transmitiam, inicialmente sem fazer distinção entre adultos e crianças, já que na Idade Média estas eram tratadas como adultos. Com o início dos registros escritos desses contos e com as mudanças sociais, políticas e culturais eles passaram por reformulações por seus escritores, para serem aceitos socialmente e começaram a ser destinados às crianças. Este trabalho tem como objetivo analisar a presença e como as mulheres foram descritas em três contos de fadas dos autores Charles Perrault, Irmãos Grimm e Andersen e traçar um comparativo com as releituras contemporâneas da autora Vita Murrow, analisando como as mulheres foram descritas nestas obras. Esta pesquisa busca especificar como era o contexto histórico na época em que seus autores os escreveram, descrevendo também o conceito de jornada do herói que serve como pano de fundo para a grande maioria das histórias de literatura e também a jornada da heroína que poderemos usar como base para nossas releituras analisadas, além de apresentar um panorama do feminismo na história e apresentando pesquisadoras e suas ideias ao longo do movimento feminista. O trabalho tem abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e documental, usando como método de abordagem o dialético, que tem uma interpretação dinâmica e totalizante do objeto a ser analisado levando em consideração o contexto social, histórico, econômico, etc. Sob o ponto de vista dos objetivos ela se mostra descritiva e explicativa e tem como método de procedimento o comparativo e também o método histórico. Com a análise dos contos tradicionais foi possível elaborar tabelas apresentando os termos presentes nessas obras relacionados à figura feminina, trazendo à tona questões relacionadas ao machismo, submissão e subjetividade das mulheres, em seu contexto. Percebemos que nas releituras contemporâneas houve uma significativa mudança na forma de apresentar as mulheres e as questões envolvendo papéis sociais, além de apresentarem temáticas importantes como racismo, capacitismo, questões de gênero, meio ambiente, entre outros. É que os contos e a literatura infantil, serviram e servem como agentes informacionais e de representação da informação fortalecendo e disseminando discursos oriundos de cada época.

Palavras-chave: contos de fadas; literatura infantil; feminismo; questões de gênero; interdisciplinaridade.

ABSTRACT

Safeguarding information over time is a fundamental issue for preserving both the history, culture and traditions of a people, as well as for the evolution of art and entertainment. This has been true since ancient times, when stories were transmitted orally, to today, when technology allows information to be stored and disseminated in an increasingly efficient manner. Fairy tales emerged in this oral context for the purpose of entertaining the communities that transmitted them, mainly without making a distinction between adults and children, since in the Middle Ages they were treated as adults. With the beginning of written records of these tales and with social, political and cultural changes, they underwent reformulations by their writers, to be socially accepted and intended for children. This work aims to analyze the presence and how women were described in three fairy tales by authors Charles Perrault, Brothers Grimm and Andersen and draw a comparison with contemporary reinterpretations by author Vita Murrow, analyzing how women were described in these works. This research specifies what the historical context was like at the time their authors wrote them, also describing the concept of the hero's journey that serves as a backdrop for the vast majority of literature stories and also the heroine's journey that we can use as a basis for our proven reinterpretations, in addition to presenting an overview of feminism in history and presenting researchers and their ideas throughout the feminist movement. The work has a qualitative approach, with bibliographic and documentary research, using dialectical approach as a method, which has a dynamic and totalizing interpretation of the object to be analyzed taking into account the social, historical, economic context, etc. From the point of view of objectives, it appears to be descriptive and explanatory and its method of procedure is the comparative and also the historical method. With the analysis of traditional tales, it was possible to create tables presenting the terms present in these works related to the female figure, bringing to light issues related to machismo, submission and subjectivity of women, in their context. We noticed that in contemporary reinterpretations there was a significant change in the way women and issues involving social roles were presented, in addition to presenting important themes such as racism, ableism, gender issues, the environment, among others. And that stories and children's literature served and still serve as informational agents and representation of information, strengthening and disseminating discourses originating from each era.

Key words: fairy tale; childrens literature; feminism; gender issues; interdisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Olympe de Gouges.....	25
FIGURA 2 – Características do Feminismo Liberal, Radical e Interseccional.....	27
FIGURA 3 – Pilares do Feminismo.....	28
FIGURA 4 – Cartaz produzido pelo Círculo das Mulheres Brasileiras.....	30
FIGURA 5 – Madame D’Aulnoy.....	42
FIGURA 6 – As três fases da jornada do herói.....	44
FIGURA 7 – Etapas da fase a ruptura.....	45
FIGURA 8 – Etapas da fase a iniciação.....	46
FIGURA 9 – Etapas da fase o retorno.....	46
FIGURA 10 – Etapas da Jornada da Heroína.....	47
FIGURA 11 – Charles Perrault.....	49
FIGURA 12 – Chapeuzinho Vermelho e o lobo – Gustave Doré, 1862.....	49
FIGURA 13 – Página do manuscrito Le Petit Chaperon Rouge – 1965.....	50
FIGURA 14 – Jacob & Wilhelm Grimm.....	53
FIGURA 15 – A Bela Adormecida – Gustave Doré, 1866.....	54
FIGURA 16 – Hans Christian Andersen.....	56
FIGURA 17 – A Pequena Sereia – Edmund Dulac.....	58
FIGURA 18 – Capa do livro Contos de fadas em suas versões originais.....	64
FIGURA 19 – Capa do livro Lute como uma princesa – contos de fadas para crianças feministas.....	65
FIGURA 20 – Etapas da análise textual discursiva.....	71

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Relação dos contos contidos nos dois livros de contos de fadas publicados por Marie Catherine D’Aulnoy.....	43
TABELA 2 – Resultados de busca nas bases de dados: ERIC, <i>Web of Science</i> e BRAPCI.....	67

LISTA DE SIGLAS

AC	- Análise de Conteúdo
AD	- Análise de Discurso
ATD	- Análise Textual Discursiva
BRAPCI	- Base de Dados em Ciências da Informação
CAPES	- Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ERIC	- Institute of Education Sciences
FBPF	- Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
LGBTQIAPN+-	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binarie
ONM	- Organização Nacional de Mulheres
ONU	- Organização das Nações Unidas
PPGGI	- Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação
PUC/RS	- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SIDIP	- Seminário de Integração e Dicas Instrumentais para Pesquisa
UFABC	- Universidade Federal do ABC
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UNE	- União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS.....	16
1.1.1	Objetivo Geral	16
1.1.2	Objetivos Específicos	16
1.1.3	Problema de Pesquisa	16
1.2	JUSTIFICATIVA.....	16
1.3	ESTRUTURA DO TRABALHO	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1	LITERATURA, LITERATURA INFANTIL, INFORMAÇÃO, GÊNERO	20
2.2	FEMINISMO	24
2.3	CONTOS DE FADAS	40
2.4	A JORNADA DO HERÓI E A JORNADA DA HEROÍNA	44
2.5	CHARLES PERRAULT	47
2.5.1	Chapeuzinho Vermelho - Le Petit Chaperon Rouge - 1697	49
2.6	IRMÃOS GRIMM	52
2.6.1	A Bela Adormecida – Dornröschen – Jacob e Wilhelm Grimm- 1812	54
2.7	HANS CHRISTIAN ANDERSEN	56
2.7.1	A Pequena Sereia – Den lille Havfrue – Dinamarca - 1837.....	58
2.8	NOVOS TEMPOS: RELEITURAS DOS CONTOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	61
3	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	63
3.1	APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	63
4	ANALISANDO OS CONTOS: ENTENDENDO OS DISCURSOS	68
4.1	DISCURSO: SUAS FUNÇÕES	68
4.1.1	Análise Textual Discursiva (ATD).....	68
4.2	ANALISANDO OS CONTOS	71
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICE A - TABELA COM TERMOS FEMININOS NO CONTO DE FADAS CHAPEUZINHO VERMELHO	90
	APÊNDICE B - TABELA COM TERMOS FEMININOS NO CONTO DE FADAS A BELA ADORMECIDA	91

APÊNDICE C - TABELA COM TERMOS FEMININOS NO CONTO DE FADAS A PEQUENA SEREIA	92
APÊNDICE D - TABELA COM TERMOS RELACIONADOS AO FEMININO NAS RELEITURAS	97

1 INTRODUÇÃO

A intenção dessa pesquisa é compreender e traçar um comparativo, dentro do contexto histórico, da presença e descrição das mulheres, nos ditos contos de fadas, com autores como Charles Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm e Hans Christian Andersen e releituras contemporâneas desses contos. Tendo como foco um conto de cada autor, lembrando que todos eram homens europeus e escreveram as obras que vamos analisar em 1697, 1812 e 1837 e três releituras encontradas no livro “Lute como uma princesa - contos de fadas para crianças feministas” de Vita Murrow.

Em seu livro Chartier (1998), apresenta a evolução do livro e o texto eletrônico como uma revolução e que ao longo da história já vimos outras, já que desde os primórdios o homem teve a necessidade de registrar seus conhecimentos e transmitir informações. Na Pré- História as pinturas rupestres ou “registros rupestres” marcaram o início da transmissão do conhecimento, através de desenhos e traços feitos nas cavernas, que representavam o cotidiano do homem como a caça e alguns rituais. Foi na Mesopotâmia que a escrita surgiu. O povo sumério a utilizava para fazer as contas do palácio, da agricultura e da pecuária, em meados de 2.350 a.C. No século IV a.C. os gregos construíram bibliotecas nos templos, sendo a mais relevante a Escola de Filosofia, criada por Aristóteles. Na Antiguidade, em 331 a.C. foi edificada a biblioteca de Alexandria com um acervo de 700 mil volumes de papiros e pergaminhos. Na Idade Média os religiosos eram os responsáveis por produzir os códices (pequenas tábuas cobertas por cera), dobradas como um caderno, que de acordo com Roger Chartier precederam os manuscritos e os livros pós- Gutenberg. Aspectos conhecidos nos livros atuais, como a distribuição do texto na superfície da página, paginação e numeração, sumários, já estavam presentes nos manuscritos.

Por volta do século II o papel foi inventado na China e desde então se propagou até chegar aos países ocidentais, facilitando assim a disseminação da informação pelo registro escrito. Já no Ocidente data de 1150 a instalação da primeira fábrica de papel na Espanha, diminuindo os custos das cópias. Com a invenção da prensa de tipos móveis de Johannes Gutenberg, em 1440, o mundo da informação revolucionou, reduzindo-se o tempo de produção e diminuindo o custo dos livros (Chartier, 1998). Mesmo após a invenção de Gutenberg, os manuscritos

ainda eram produzidos, até o séc. XVIII e XIX. Especialmente para os textos proibidos e que deveriam continuar secretos.

A salvaguarda de informações através do tempo é uma questão fundamental tanto para a preservação da história, da cultura e das tradições de um povo, quanto para a evolução da arte e do entretenimento. Isso é verdade desde os tempos mais antigos, quando as histórias eram transmitidas oralmente, até os dias de hoje, em que a tecnologia permite guardar e disseminar informações de maneira cada vez mais eficiente.

Nos contos de fadas, por exemplo, a conservação das histórias era realizada pela transmissão oral de geração em geração. As pessoas contavam e recontavam as narrativas, mantendo viva a tradição e fortalecendo a identidade de seu grupo social. Com o advento da escrita, os textos foram registrados em livros, o que permitiu sua disseminação a um número muito maior de pessoas.

De acordo com Cagnin & Spaziani (2022, p. 126),

Os artefatos culturais voltados às infâncias também são pedagogias de gênero. Filmes, animações, músicas e livros transmitem imagens de controle indicando uma aparência ideal às meninas e mulheres, relacionada à jovialidade, magreza e branquitude, assim como expectativas em torno de seus comportamentos. Não raramente, tais artefatos nos apresentam narrativas nas quais predominam características como ingenuidade, passividade, amor romântico, centralidade do homem protagonista e rivalidade feminina ao dizer sobre as mulheres da história. (Cagnin & Spaziani, 2022,p. 126).

Os contos de fadas surgiram então como dito anteriormente como uma forma de interação e disseminação através da oralidade das sociedades existentes. Desta forma não recebi nenhuma forma de análise sobre o que poderia ou deveria ser contado as crianças. Com o avanço social, político e cultural essas narrativas foram alteradas, por escritores como os estudados nessa pesquisa Charles Perrault, Irmãos Grimm e Andersen.

Muitos anos se passaram e inúmeras versões desses contos foram disseminadas, mas as ideias centrais prevaleceram, um discurso onde a figura feminina é estereotipada, hora como a donzela indefesa ou como a bruxa má. O que percebemos é que esta narrativa presente nos contos serviu como ferramenta para o fortalecimento da subjetividade das mulheres ao longo dos anos.

Dito isso o Movimento Feminista com toda a sua trajetória trouxe incentivos, ferramentas, meios para que as mulheres em todas as áreas consigam lutar e discutir sobre mudanças efetivas.

Ao analisar as releituras e traças um comparativo com os contos tradicionais, temos a intenção de mostrar e analisar o quando as pautas levantadas pelo Movimento Feminista foram capazes de modificar a literatura, apresentando diferentes e importantes formas de viver em sociedade.

Para finalizar esta introdução, gostaria de apresentar alguns dos motivos que me levaram a pesquisar este tema. A possibilidade de multidisciplinaridade, o ter contato com outros saberes, de mostrar como estes podem se conectar entre si, com a Gestão da Informação, História, Biblioteconomia, Sociologia, Psicologia, Filosofia, Lingüística, Medicina, entre outros estudos. As questões de gênero estão ganhando cada vez mais evidência e não sem tempo ganhando os espaços acadêmicos, para discussões, desta forma a intenção desta pesquisa em resgatar, analisar e comparar com a atualidade estes contos de fadas faz com que venha a luz mesmo que em pequenos passos as mudanças na forma de apresentar e descrever as mulheres.

1.1 OBJETIVOS

Esta pesquisa tem alguns objetivos a serem alcançados, pensando na delimitação de tempo e de meios de obtenção da informação. Por isso é de extrema importância que seja feito um cronograma e formulada uma estratégia para que os resultados sejam efetivos.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a presença e como as mulheres foram descritas nos contos de fadas e em releituras contemporâneas.

1.1.2 Objetivos específicos

- Descrever o contexto histórico onde surgiram os contos de fadas e seus autores;
- Apresentar os contos de cada autor e suas releituras;
- Contextualizar o feminismo na história;
- Comparar a presença feminina nos contos de fadas e em releituras na contemporaneidade.

1.1.3 Problema de Pesquisa

Como as mulheres foram descritas nos contos de fadas? E como elas foram representadas nos conto de fadas tradicionais e nas releituras contemporâneas?

1.2 JUSTIFICATIVA

No contexto acadêmico, é de conhecimento, que a tempo, a sociedade vem mudando sua forma de pensar e de se relacionar. As minorias e as mulheres mais especificamente, mesmo que de forma lenta, vem ganhando cada vez mais espaços e força para infelizmente, defender um lugar que deveria ser habitual. Desta forma com a finalidade de enriquecimento deste debate e esta pesquisa tem a intenção de trazer para a discussão a presença da figura feminina nos contos de fadas clássicos

e no contexto histórico da época em que foram escritos, para então realizar um comparativo com releituras na contemporaneidade e com as discussões sobre as causas feministas.

O livro é um tipo de fonte informacional e como tal pode ser manipulada para influenciar pessoas, podendo informar ou desinformar. Essa pesquisa pode nos fazer refletir e debater sobre como os contos de fadas originais podem ser vistos como agentes de informação que fazem parte da constituição da subjetividade das mulheres ao longo da história, com estereótipos tais como da donzela indefesa, frágil e com um padrão de beleza estabelecido.

Muitos trabalhos sobre os contos de fadas e sua utilização no contexto linguístico ou psicológico podem ser encontrados, entretanto um trabalho trazendo o contexto histórico vinculado à presença e descrição do gênero feminino dentro dessas histórias, comparando com suas releituras e escritos por autoras mulheres, na atualidade não são encontrados. Desta forma esta pesquisa demonstra sua importância e relevância para o meio acadêmico e para o programa de Gestão da Informação, por trabalhar questões interdisciplinares, que podem enriquecer ainda mais os diálogos de forma geral.

Em sua fala durante o SIDIP 2023, o professor Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, aborda a temática da interdisciplinaridade dentro da gestão da informação e da ciência da informação e em determinado momento de sua apresentação afirma que essa interdisciplinaridade vai se apresentar de acordo com o departamento ao qual está inserido o curso (PPGGI, 2023). Dessa forma como vemos ao longo de quase 15 anos do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, muitas outras áreas foram sendo relacionadas e acrescentadas ao programa com a finalidade de ampliar e possibilitar diálogo com áreas no conhecimento como Psicologia, Educação, História, Linguística, Filosofia, Medicina, etc.

Para a sociedade, esta pesquisa se relaciona com o contexto acadêmico, podendo auxiliar para novas pesquisas sobre as temáticas envolvidas e fortalecer diálogos tão atuais. A intenção é que esse estudo possa instigar as novas gerações a discutir cada vez mais sobre o papel das mulheres na sociedade, e as intenções do movimento feminista e como bem escreveu bell hooks em seu livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* "precisamos trabalhar com muita dedicação para corrigir o pressuposto já tão arraigado no inconsciente cultural, de que o feminismo é anti-homem. O feminismo é antissexismo ". (hooks, 2023).

Quais benefícios esses diálogos podem trazer a sociedade tão cheia de informações distorcidas?

Em seu artigo repleto de reflexões importantes acerca da informação, Eliany Alvarenga de Araújo (1999), apresenta o termo intercâmbio informacional sendo através dele que os sujeitos sociais se comunicam e são capazes de tomar decisões tanto individualmente quanto no coletivo. Para a autora o livre acesso à informação, a ampla disseminação e o processo de comunicação e discussão entre os membros da sociedade, são capazes de construir a cidadania, pois auxiliam na conquista de direitos políticos civis e sociais, dessa forma a informação é um bem social e um direito coletivo.

Desta maneira podemos analisar o contexto dos contos do ponto de vista social, e a partir do sujeito envolvido, já que a informação que é transmitida é originária de um sujeito cognitivo-social, uma vez que este participa de uma “sociedade de discurso”, que se forma a partir da sociabilidade (experiência coletiva) e pela atividade cognitiva de cada sujeito.

No contexto pessoal, posso dizer que fico emocionada ao escrever essa justificativa, pois como mulher, filha, tia, neta, madrinha, pesquisadora e futuramente a primeira mestra da família, posso dizer que tenho um lugar de fala nesse contexto e que os debates, por menores que sejam sobre a representação das mulheres no contexto social e sobre mudanças ocorridas e que podem ocorrer são fundamentais. Não somente as questões voltadas às mulheres o feminismo veio questionar, mas também sobre a comunidade LGBTQIAPN+, sobre o racismo e sobre os discursos de ódio. Através desta pesquisa é possível ver como as histórias voltadas a priori para crianças (mas que encantam todos os públicos), foram significativamente alteradas na contemporaneidade, abordando temáticas que no contexto social dos contos de fadas antigos ficaram excluídas. Isso só vem a contribuir para as novas gerações e de forma pessoal é dessa forma que espero contribuir, para que minha sobrinha, minha afilhada e quem sabe minhas futuras (os) filhas (os), possam ser o que eles quiserem sem ter medo.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

No capítulo 1 é apresentada a introdução da pesquisa, com a contextualização do tema, quais materiais serão analisados, bem como o objetivo geral e específico, o problema de pesquisa e a justificativa acadêmica, social e pessoal.

O capítulo 2 apresenta o referencial teórico sobre os principais aspectos que serão abordados na pesquisa com autoras e autores diversos. Apresentando conceitos como literatura, literatura infantil, informação e gênero, contos de fadas, o contexto social da época, os autores desses contos escolhidos, também sobre o feminismo com pesquisadoras clássicas e pioneiras sobre a temática até autoras da contemporaneidade.

No capítulo 3 a trajetória metodológica é apresentada, junto com a estratégia de busca dessas informações, a análise e apresentação dos dados. E na sequência o capítulo 4 apresenta a análise dos contos e os tipos de discursos, além no ponto central da pesquisa que é a análise dos contos de fadas tradicionais e suas releituras.

Para finalizar no capítulo 5 são apresentadas as considerações finais da pesquisa. Seguida das referências e do apêndice.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 LITERATURA, LITERATURA INFANTIL, INFORMAÇÃO, GÊNERO

Desde o início de sua existência a humanidade busca formas de transmitir informação, saberes populares aprendidos no cotidiano, seja na forma oral ou escrita. De acordo com Carvalho (1985), qualquer que seja a forma que os homens e mulheres usem para se expressar é uma conquista enorme para a humanidade, comunicando e transmitindo o que aprenderam em seus dias, ampliando suas possibilidades.

Em seu livro *Poética*, Aristóteles (2008) definiu três funções da literatura:

1. Cognitiva: a aquisição do conhecimento;
2. Estética: por ser arte, ela nos aproxima de nossos sentimentos e emoções através do belo, do que é bonito isso através das ferramentas de linguagem empregadas.
3. Catártica: palavra de origem grega que significa purificação, purgação. Vinculada a literatura está voltada a questões de liberação das emoções, aflições através das histórias. É uma das etapas do processo terapêutico empregado na Biblioterapia fornecendo um alívio emocional tanto a quem escreve quanto a quem lê.

Mais tarde outra função foi designada para a literatura: a função político-social, que desempenha um papel importante dentro da sociedade, pois conscientiza a população de assuntos como questões de gênero, feminismo, racismo, homofobia entre outros, criando assim seres com senso crítico.

Com relação à Literatura infantil, onde os contos de fadas estão inseridos, Frantz (2001, p. 16) nos diz:

“a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas.” (Frantz, 2001, p.16).

O pesquisador Cademartori (1987) nos mostra que os homens constituem seu ambiente a partir do que interpretam isso através das manifestações culturais. Portanto, a literatura, em específico, a literatura infantil desempenha papel

significativo no processo de desenvolvimento e construção do ambiente em que as crianças estão inseridas.

Quando falamos sobre a questão histórica envolvendo a criação da literatura infantil, de acordo com os estudos e utilizando como referência a pesquisadora Cunha (1987) entendemos que a literatura infantil começou a ser percebida no início do século XVIII, momento esse em que as crianças passam a ser vistas com distinção dos adultos, pensamento fortalecido com a ampliação dos estudos de pedagogia. Passando a reavaliar os clássicos, oriundos da oralidade, envolvendo folclore e histórias do cotidiano, adaptando aspectos como a violência.

Tendo esse contexto como cenário, nossos autores estudados da Literatura Infantil, Perrault e posteriormente os Irmãos Grimm e Andersen passam a escrever histórias voltadas ao público infantil, já reconhecendo que esses indivíduos não eram mais vistos como “pequenos adultos” e o conceito de infância já estava presente.

Para a escritora Cecília Meireles (1979), a Literatura infantil só ganha esta nomenclatura após a leitura das crianças e sua identificação, para a autora toda literatura era passível de ser infantil, desde que a criança se identifica com o que estava lendo.

[...] Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas (crianças) se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil “a priori”, mas “a posteriori”. (Meireles, 1979, p. 19)

Carvalho (1985) nos lembra que “o conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral” (CARVALHO, 1985, p. 18). Assim, oferecer bons livros e que estejam em conformidade com a faixa etária do leitor é fundamental para que a obra atinja seu objetivo formativo e alcance um ou mais níveis propostos por Aristóteles.

Com relação à literatura e seu papel enquanto agente da informação, Calvino (2007, p. 13) afirma que as boas obras, consideradas clássicas, não são somente um espelho de um contexto histórico, mas contam e criam uma nova história, comunicando-se com o presente, mesmo que seu passado esteja separado pela cronologia.

Para o autor italiano as obras denominadas clássicas não são demarcadas por um tempo, e suas verdades não se fecham em si mesmas, mas resultam em uma inesgotabilidade. Assim, um livro é clássico quando possui algum diferencial,

quando inova, acrescenta conhecimentos, perdura no tempo, ensina e permite refletir sobre as questões centrais ou os conflitos humanos.

Ajudando a construir o meio social e cultural, através das interpretações e significados empregados por cada indivíduo. Sendo capaz de modificar, fortalecer e alterar os pensamentos e as ideias sobre questões como feminismo e gênero.

Sobre a importância da leitura Yunes e Pondé (1988, p. 145) destacam:

Ler é importante para a emancipação do leitor, para um melhor estudo e conhecimento da língua, para o alongamento das experiências pessoais e um maior conhecimento do mundo, para dar prazer. A fruição solitária do livro é um lazer produtivo, pois não se reduz apenas a um passatempo, uma vez que tem função social, cultural e educativa. (Yunes & Pondé, 1988, p. 145)

Em sua pesquisa, Santos (2008), realizou um levantamento de pesquisas envolvendo os estudos de gênero dentro da Ciência da Informação no Brasil entre os anos de 2000 e 2007 e constatou que houve poucas pesquisas com a temática, percebendo que os (as) pesquisadores (as) dentro da área da Ciência da Informação tem pouco interesse no assunto, apesar de todas as facetas dos estudos da informação terem implicações nas relações de gênero e vice-versa.

Em 2023, durante um evento promovido pela CAPES, como forma de conscientização no Dia Internacional da Mulher, a Presidente da Instituição Mercedes Bustamante apresentou dados sobre a presença de mulheres na pesquisa e sua não continuidade em etapas mais altas como mestrado e doutorado. Neste mesmo evento a pesquisadora e professora da Universidade de Brasília Tânia Mara de Almeida, explicou que a pequena presença de mulheres no ambiente acadêmico é um fenômeno social e não pontual e que precisa ser enfrentado através de políticas públicas (Capes, 2023).

Para a pesquisadora Rodrigues (2023), ter a informação como objeto proporciona uma vasta possibilidade de temas de pesquisa, o que ajuda a identificar questões sociais latentes que geram demandas informacionais. Os contos de fadas e suas releituras aparecem neste ponto na medida em que serviram e servem como suporte e agente informacional e também como espelhos de padrões de comportamento de determinada época, propagando esses ao longo dos anos e até mesmo séculos.

Pesquisar as questões de gênero e o feminismo, usando como objeto os contos de fadas e suas releituras, apresenta-se também pela observação de uma grande divulgação da temática, de movimentos feministas em busca de um diálogo

para modificar pensamentos que há muito tempo não se sustentam. Os livros infantis têm papel nesse processo já que estão inseridos no contexto das crianças e as releituras mostram características e pensamentos que buscam a alteração social.

O termo gênero somente se distanciou do entendimento binário do sexo biológico a partir das lutas feministas de 1960, onde gênero passa a ser entendido em uma perspectiva abrangente.

Na sua utilização mais recente, o termo 'gênero' parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual'. O termo 'gênero' enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade (Scott, 1995, p. 72).

Em 1970 os debates e questionamentos ganharam força, especialmente pelos grupos americanos, nesse período os estudos de gênero ganharam força na área de Ciências Humanas, por exemplo, no campo da História onde as mulheres passaram a ser objetos de pesquisa e sujeitos históricos. Ganhando força a partir da História Nova (termo lançado em 1978, por alguns membros do grupo do Annales. Privilegiando explicações plurais abrindo novos diálogos com as diversas ciências: antropologia, psicologia, sociologia, literatura, etc., a fim de ampliar o olhar sobre as fontes) que abriu espaço para novos olhares sobre mulher, sexualidade, etc. (Matos, 2013; Rodrigues, 2013).

De acordo com Scott (1995) as mulheres sabiam que suas pesquisas iriam causar um impacto em suas respectivas áreas. Não somente permitindo novos temas as pesquisas e impondo um reexame crítico das premissas e critérios dos trabalhos científicos existentes.

O cuidado empregado pelas pesquisadoras e pesquisadores sobre o termo gênero, demonstrou a cautela com que os estudos passaram a ser descritos e o público ao qual se tinha como objetivo atingir.

Refletir sobre os textos e escritores (cientistas, jornalistas e pesquisadores), é refletir sobre a relação entre um grupo e a comunidade mais ampla. É colocar em questão o processo, para obter o conhecimento. É refletir sobre as estratégias linguísticas dos autores e suas motivações/objetivos (por exemplo: nomear, utilizando termos novos ou empregando termos já existentes; escolhas efetuadas para a comunicação com não-especialistas, etc) (Galvão, 2004, p. 248-249).

Na década de 1980, o termo mulher é substituído pelo termo gênero nos trabalhos com a busca por legitimidade, aparentando ser um termo mais neutro e científico.

O uso do termo 'gênero' visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois 'gênero' tem uma conotação mais objetiva e neutra do que 'mulheres'. 'Gênero' parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (supostamente ruidosa) do feminismo. Enquanto o termo 'história das mulheres' proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo 'gênero' inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo 'gênero' constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80 (Scott, 1995, p. 75).

A partir dessa compreensão de gênero como categoria de análise, passou a ser associado a outras categorias analíticas como classe e raça. Angela Davis no livro *Mulheres, Raça e Classe* (2016), que foi publicado pela primeira vez em 1981, analisa, entre outros fenômenos, o movimento sufragista nos Estados Unidos, discutindo questões como racismo, natalidade e direito reprodutivo das mulheres.

O que percebemos ao realizar as leituras sobre os estudos de gênero é que essa trajetória foi longa, conturbada e não seguiu um percurso linear e teve sua gênese através do movimento feminista.

2.2 FEMINISMO

Coisas tão comuns nos tempos atuais como ter um cartão de crédito, votar, fazer parte de um júri, jogar futebol, fumar em lugares públicos, entre outras tantas ações, já foram proibidas às mulheres ao longo da história.

Neste item de nossa pesquisa, iremos abordar o surgimento e o desenvolvimento, bem como os pensamentos do movimento feminista ao longo dos anos.

A ideia feminista surgiu muito antes dos grupos feministas se formarem e se organizarem. Já na Idade Média, mulheres de diversas localidades no Ocidente escreveram e se reuniram para discutir suas escritas sobre assuntos que envolviam seus cotidianos como gênero, tradição e inovação. (Telles, 2015).

O ano era 1789 e dava-se início ao ciclo revolucionário que ficaria conhecido como Revolução Francesa, em meio as lutas o feminismo surgiu e o que ficou conhecida como a **Primeira Onda Feminista**, com reivindicações de igualdade e direitos. Esse primeiro contato com o feminismo ficaria conhecido também por

feminismo ilustrado, na França do século XVII com os salões onde as mulheres da alta burguesia se reuniram e conversaram sobre suas situações na sociedade, defendendo a igualdade entre os sexos, o direito do amor e do prazer, e ficou conhecido como Preciosas¹. Dentro destes salões algumas publicações foram escritas e os pensamentos ali trocados eram próximos do que nos dias atuais chamamos de feminismo.

Em um contexto social muito diferente das mulheres citadas anteriormente, esteve Olympe de Gauges, uma mulher do povo, revolucionária, jornalista e historiadora. Usou seus conhecimentos para escrever para o teatro, assim como artigos e panfletos, era defensora do divórcio e da união livre, fundou clubes onde as mulheres discutiam sobre política e escreveu a Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs. Entretanto, pelo que escreveu foi presa e condenada à guilhotina.

FIGURA 1 - OLYMPE DE GOUGES



FONTE: BBC News Brasil (2022)

Muitas mulheres no início da modernidade, nos séculos XVIII e XIX, trabalharam através da literatura e da escrita, com a finalidade de oporem-se aos estereótipos culturais presentes na sociedade da época. Trabalhando as margens de uma linguagem que as colocava como seres maternais e delicados, devotas à

¹ Foi um movimento social oriundo das conversações e dos alegres jogos de palavras das *les précieuses* (O estilo literário denominado preciosismo (*préciosité* em francês), pelas espirituosas e bem-educadas damas que freqüentavam os *salons* da Marquesa de Rambouillet; a sua *Chambre bleue* (o "quarto azul" do seu *hôtel particulier*, o *Hôtel de Rambouillet*) oferecia um refúgio parisiense às perigosas intrigas políticas e às maneiras rudes da corte francesa durante a menoridade de Luís XIII (Godoy e Costa, 2017, p. 9).

família e ao casamento. Um papel de musas, criaturas ou mediadoras e nunca de criadoras e quando tentavam sair desses estereótipos eram vistas como um potencial do mal. (Telles, 2015).

No século XVIII a autora Ann Radcliffe famosa pelos seus romances góticos era a autora mais bem paga da Inglaterra e suas narrativas apresentavam temáticas presentes na época como protagonistas jovens sendo perseguidas por homens perversos, que perante a sociedade eram vistos como descendentes e cavalheiros. Em dois de seus livros *Os Mistérios de Udolfo* (1794), e *O Italiano* (1797), ambos publicados novamente nos anos 2000, as mulheres presentes na história participavam de aventuras e perigos, antes reservados apenas a figura masculina.

Outras duas autoras também da Inglaterra e que criticaram o poder masculino e as questões do patriarcado, antes mesmo do termo ser popularizado, foram Mary Astell (feminista, escritora inglesa, que defendeu a igualdade educacional das mulheres e ganhou o título de a “primeira feminista inglesa”) e Lady Mary Montagu (feminista, aristocrata, escritora e poetisa, ficou conhecida por suas cartas em especial as Cartas da Turquia, sendo reconhecida como a primeira obra escrita por uma mulher sobre o Oriente Muçulmano). Para ambas, assim como para outras estudiosas que vieram depois, o problema estava na introdução à educação, os homens tinham acesso a todos os tipos de conhecimento e para as mulheres era negado esse direito.

A **Segunda Onda Feminista** acontece a partir da Revolução Francesa até meados do século XIX e ficou conhecida como feminismo liberal sufragista que nasceu nos Estados Unidos junto com a luta pela independência do país e pelo fim da escravidão. Com esse envolvimento político e social, as mulheres passaram a lutar pelo sufrágio (o direito ao voto e ao direito educacional). E qual a solução encontrada por esse grupo? O descarte de toda a legislação discriminatória. Entretanto somente após a Primeira Guerra Mundial², momento em que as mulheres passaram a ter acesso à economia, indústria, administração pública já que os homens estavam no front da guerra, esse reconhecimento das sufragistas foi inevitável. De acordo com Cavalcanti (2005), a Segunda Onda Feminista “foi matizada e profundamente reconhecida por marchas políticas e pronunciamentos

² Evento que ocorreu entre 1914-1918. Estendeu-se durante 4 anos, em duas fases distintas: Guerra de Movimento e Guerra de Trincheira (essa perdurou por mais tempo de 1915-1918). (Burigana, 2014)

radicais, podendo-se inferir que configurava a fase mais contestadora do movimento”. Nesse contexto podemos citar algumas ativistas ligadas ao feminismo radical Betty Friedan que abordaremos mais à frente, Kate Millet³, Susan Brownmiller⁴, Germaine Greer⁵ e Gloria Steinem⁶.

A **Terceira Onda Feminista** conhecida como feminismo contemporâneo, que nasceu a partir das revoluções dos anos 60 e vem se fortalecendo até os dias atuais. E tem como foco a diversidade da mulher entendida quanto ao gênero, raça, etnia, o país e a preferência sexual e a intenção de derrubar o estereótipo sexualizado das mulheres em produções de comunicação, publicidade e arte. Além da luta pela abolição da violência contra as mulheres, direito ao aborto ou a concepção e à saúde feminina. A partir dos anos 80 as diferentes vertentes do feminismo⁷, que iremos apresentar a seguir entraram em intenso debate.

FIGURA 2- CARACTERÍSTICAS DO FEMINISMO LIBERAL, RADICAL E INTERSECCIONAL.

FEMINISMO LIBERAL	FEMINISMO INTERSECCIONAL	FEMINISMO RADICAL
<ul style="list-style-type: none"> • Igualdade de gênero, baseada nos princípios do liberalismo. • Valoriza os direitos individuais. • Defende mesmas oportunidades e direitos que os homens. Igualdade salarial, acesso igualitário à educação e aos cargos de liderança, proteção contra a violência de gênero e a garantia dos direitos reprodutivos das mulheres. • Estado deve desempenhar um papel ativo na promoção da igualdade de gênero, através de políticas públicas. • Principais pensadoras: Mary Wollstonecraft (1759-1797), Harriet Taylor Mill (1807-1858), Elizabeth Candy Stanton (1815-1902) 	<ul style="list-style-type: none"> • Busca compreender as interseções entre diferentes formas de opressão e discriminação. • Reconhece que as mulheres têm experiências diferentes com base em sua raça, classe social, orientação sexual, deficiência, entre outros aspectos. • Teoria da Interseccionalidade foi desenvolvida por acadêmicas feministas negras. • Destaca a importância de alianças entre diferentes movimentos sociais, reconhecendo que as lutas contra a opressão devem ser interligadas e solidárias. • Busca ampliar a compreensão do feminismo tradicional, reconhecendo e enfrentando as complexidades das experiências das mulheres em sociedade. • Principal pensadora: Kimberlé Crenshaw. 	<ul style="list-style-type: none"> • Busca analisar e combater as raízes estruturais da opressão de gênero. • Defende a ideia de que a opressão feminina tem como base estruturas sociais e culturais patriarcais. • Principais questões abordadas são: 1- violência contra as mulheres, 2- exploração sexual, 3- opressão reprodutiva, 4- divisão sexual do trabalho, 5- objetificação das mulheres na mídia e na cultura. • criticam a noção de gênero como uma construção social e argumentam que a categoria de mulher é baseada na biologia e nas experiências compartilhadas de opressão. • Principais pensadoras: Andrea Dworkin (1946/2005) e Catharine MacKinnon (1946)

FONTE: Adaptado de Bastardas (2023)

³ Escritora, artista, educadora e ativista feminista estadunidense. É considerada uma das mais influentes feministas da segunda onda do feminismo e foi uma das primeiras escritoras a descrever o conceito moderno de patriarcado como a subjugação das mulheres em toda a sociedade.

⁴ Jornalista norte-americana, ativista feminista.

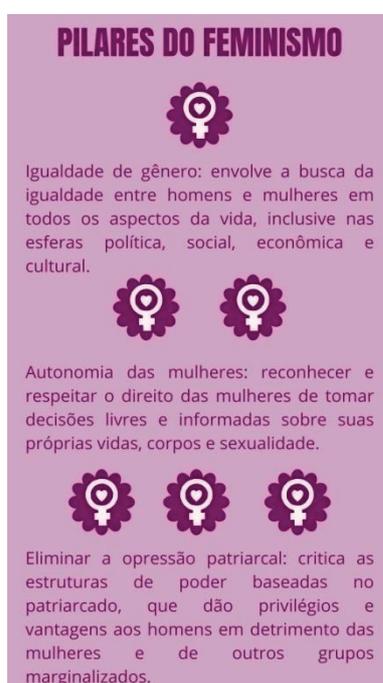
⁵ Escritora e feminista inglesa nascida na Austrália que defendia a liberdade sexual das mulheres. (Britannica, 2024)

⁶ Jornalista, escritora e ativista feminista estadunidense. (Mars, 2021)

⁷ Existe uma diversidade de vertentes de feminismo, entretanto como nosso foco não são as vertentes em si, apresentamos aqui algumas delas: feminismo anarquista, feminismo abolicionista, transfeminismo, feminismo igualitário, feminismo da diferença, ecofeminismo, feminismo separatista, feminismo filosófico, feminismo pós-colonial, feminismo marxista, feminismo negro, feminismo científico, feminismo lésbico, feminismo masculino, feminismo cultural, ciberfeminismo, feminismo pró-vida e feminismo dissidente.

Não podemos deixar de abordar as críticas que estas vertentes do feminismo receberam. O feminismo liberal recebeu críticas por contemplar apenas mulheres de certas classes sociais deixando de lado os grupos marginalizados, como as mulheres negras, indígenas, transgêneros ou pobres. Já o feminismo radical recebeu críticas devido a ênfase na opressão de gênero exclusivamente em termos de sexo biológico, o que pode excluir as pessoas transgêneros e a divergência com relação as questões de sexualidade, maternidade e identidade de gênero.

FIGURA 3 - PILARES DO FEMINISMO



FONTE: A autora (2024)

No contexto brasileiro, percebemos a influencia de ativistas estrangeiras e suas ideias, mas também um fortalecimento de pesquisadoras feministas brasileiras como o ícone da historiografia feminista no Brasil, nos anos 20-30, Bertha Lutz que nasceu em São Paulo em 1894, era ativista feminista, bióloga, educadora, diplomata e política. Fundou em 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), que tinha como objetivo promover a educação e profissionalização das mulheres. Liderou também a luta pelo voto feminino e ela mesma exerceu o direito de ser votada e dentro do meio político, Bertha participou do anteprojeto da Constituição e muitos de seus projetos foram aceitos e incorporados à legislação brasileira, entre eles os direitos políticos e jurídicos das mulheres, focando em

questões trabalhistas, à educação, maternidade e infância. (Sousa; Sombrio; Lopes, 2005).

Mas foi durante o período da ditadura (1964-1985) um momento de grande repressão política com censura às diversas manifestações culturais e sociais, que o movimento feminista ganhou forças. A moral cristã era tão onipresente que durante as invasões da polícia na USP, as pílulas anticoncepcionais eram utilizadas como provas incriminatórias e as estudantes que estivessem de posse dessas eram consideradas prostitutas.

Em 1968 durante um encontro clandestino organizado pela União Nacional dos Estudantes (UNE), as forças de repressão prenderam mais de mil lideranças, sendo 157 mulheres e o engajamento feminino contra a ditadura foi considerável, entre elas a ex-presidente Dilma Rousseff e a ex-ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres Brasileiras Eleonora Menicucci.

De acordo com a socióloga Moraes (2015), “foi no exílio que muitas militantes se tornaram feministas”. Em Paris estas mulheres encontraram exílio e um movimento autônomo, de mulheres com presença significativa de comunistas e socialistas e com uma importante editora de obras feministas a *Editions des Femmes*⁸ (em circulação até hoje).

As queixas das ex-guerrilheiras latinas não eram diferentes do padrão francês, como os cuidados com os filhos e as tarefas domésticas, passando a rebelar contra a naturalização do trabalho doméstico como algo próprio da mulher. Essas mulheres criaram um importante grupo para a formação teórica sobre o feminismo o Círculo das Mulheres Brasileiras (1976- 1979), percorrendo sobre a falta de um movimento feminista na América Latina para tratar de questões como a sexualidade, machismo, falta de qualificação profissional.

⁸ Site da Revista <https://www.desfemmes.fr/>

FIGURA 4 - CARTAZ PRODUZIDO PELO CÍRCULO DAS MULHERES BRASILEIRAS



FONTE: CEDEM/ UNESP (2019)

Nos Estados Unidos assim como em outros lugares os anos 60 foi um período em que o movimento feminista ganhou impulso, junto com o grande número de manifestações sociais. Nesse contexto destaca-se Betty Friedan, que em 1968 fundou junto outras ativistas a Organização Nacional de Mulheres (ONM), sendo a primeira organização feminista nova em quase cinquenta anos, desde que após as conquistas das sufragistas o movimento perdeu forças.

Friedan liderou o Movimento de Libertação da Mulher e chegou no Brasil, através de seu trabalho em meio a Ditadura, principalmente pela obra *A Mística Feminina* (1971) e também com sua visita ao país. O Movimento de Libertação das Mulheres⁹ ao qual Betty Friedan fez parte teve como ponto forte as rodas de conversas que contribuíram para debates mais efetivos sobre mudanças mais realistas no campo social.

Nesse contexto podemos observar que muitas leituras vieram do exterior e também que as ativistas brasileiras tiveram muito contato com feministas dos Estados Unidos.

No Brasil, o que viria a constituir o movimento feminista foi importante na luta contra a ditadura militar, com forte influência marxista (que era clandestina na época) e as contestações oriundas desse período foram alicerce para a origem do movimento propriamente dito, nos anos de 1970.

⁹ Documentos sobre o Movimento de Libertação das Mulheres:
<https://dukelibraries.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15957coll6/search>.

De acordo com a pesquisadora Cynthia Andersen Sarti (2004, p. 36), “uma confluência de fatores contribuiu para a eclosão do feminismo brasileiro na década de 1970”. A instituição de 1975 como o Ano Internacional da mulher pela ONU, o impacto do feminismo europeu e norte-americano, somados às mudanças efetivas das mulheres no Brasil nos anos de 1960, indo às ruas e criando visibilidade às pautas das mulheres. O caráter radical do movimento feminista inicial é oriundo dos “anos de chumbo”, que é possível verificar através dos depoimentos de mulheres que foram vítimas. (Sarti, 2004).

Não podemos abordar o surgimento do movimento feminista no Brasil e as lutas feministas, sem falar de Rose Marie Muraro, nascida no Rio de Janeiro em 1930, seu legado político e teórico no feminismo contribuíram para novos ideais feministas e de direitos sociais. Escreveu inúmeros livros, entre eles: “Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil” (1983), “Os Seis meses em que fui homem” (1990), “Memórias de uma mulher impossível” (1999), “Feminismo e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças” (2002). Muraro era contra os valores conservadores de submissão das mulheres e lutava pelos direitos destas, recebendo inclusive o prêmio Bertha Lutz (importante prêmio para mulheres que contribuíram com as questões de gênero e defesa dos direitos femininos).

Márcia Tiburi (filósofa, professora e política), para ela as mulheres ganham voz quando saem para as ruas e ocupam os lugares de poder. Em seu livro intitulado “Feminismo em comum: para todas, todes e todos” de 2021, a autora aborda as implicações do patriarcado ao longo da história, tratando as mulheres como incapazes em adquirir conhecimento e estar no poder, bem como traidoras, o que é possível verificar através até mesmo da mitologia (como o mito de Pandora e o de Eva no livro de Gênesis), como loucas, más, boazinhas ou frágeis (neste caso os contos abordados nesta pesquisa já podem comprovar estas premissas). (Tiburi, 2021).

Tiburi (2021, p.12, 48), afirma que podemos “definir o feminismo como o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado”. E afirma que o movimento precisa ser fortalecido através de diálogo e união e que a liberdade de expressão é uma conquista, já que o mundo patriarcal não promoveu diálogo entre os gêneros que ele mesmo construiu.

A autora ainda cita alguns momentos na história em que o poder patriarcal e a sua violência se assemelham. Desde o sacrifício das jovens e de suas esposas na Antiguidade grega clássica, que tem afinidade com o *sati* indiano, onde as viúvas se atiravam à pira funerária do marido, passando pela inquisição cristã e a execução das ditas bruxas. Para a autora esses momentos têm ligação direta com o assassinato de mulheres ao longo dos séculos e que se repete e ao qual damos o nome de femínicidio, uma constante cultural (Tiburi, 2021, p. 49).

A partir desses argumentos de Márcia Tiburi, chegamos a mais um ponto que podemos conectar com nossos objetos de pesquisa. A presença feminina doce e submissa descrita nos contos de fadas tradicionais. Pois a partir do momento em que as mulheres passaram a contestar e a demonstrar características diferentes as descritas nas narrativas, passaram a ser vistas, nas palavras de Tiburi (2021, p. 50) “como indesejáveis ou inúteis, perigosas ou desobedientes, elas eram então perseguidas e mortas. E toda essa perseguição e violência foram sustentadas pelo discurso misógino”. Para Tiburi (2021), essa verdade patriarcal é poder de morte, uma espécie de violência simbólica e física contra as mulheres. E caso se contente em ser bem femininas e bem dóceis (como as princesas dos contos de fadas, à espera de seus príncipes encantados), podem até ser salvas do espancamento e da morte. Um discurso forte e pesado, que demonstra o posicionamento da autora sobre a temática e que traz aspectos relevantes para nossas análises dos contos e suas releituras.

No contexto brasileiro não podemos esquecer-nos de Ivone Gebara (Freira, filósofa e teóloga feminista) e Débora Diniz (Antropóloga, professora e documentarista), duas mulheres de realidades distintas o religioso e o laico e que em meio ao contexto pandêmico se conectaram e iniciaram diálogos, com a ajuda da tecnologia a respeito do feminismo e do patriarcado. Em sua pesquisa as autoras afirmam que:

O normal das regras jamais foi justo com as mulheres e outras gentes oprimidas pelas regras do corpo, da raça, da sexualidade ou do gênero. O normal tem nome e predicados – é o patriarcado racista e suas tramas perversas que discriminam os corpos. Neste livro, falamos muito do patriarcado, um regime de poder que oprime, segrega, controla e mata os corpos. Tristemente, é um regime de poder, hierarquizante e excludente, que, com diferentes intensidades, todos nós reproduzimos. É preciso assombrar-se para distanciar-se do patriarcado e de suas tramas perversas, como o capacitismo, o classismo ou o racismo. (Diniz & Gebara, 2022).

A pesquisadora Branca Moreira Alves & Jacqueline Pitanguy (1991, 2022), apresentam um histórico dos marcos feminista ao longo dos anos e enfatizam que o ano de 1970 foi significativo após a Organização das Nações Unidas declararem como o Ano Internacional das Mulheres, além de reafirmar a dificuldade em avançar nas pautas que envolvem racismo e os direitos reprodutivos.

Heloisa Buarque de Hollanda (2018, 2019), desenvolveu trabalhos significativos não somente relacionados às mulheres, mas também com relação a questões raciais, como o projeto Abolição, que teve como finalidade estudar e discutir a presença dos negros nas artes brasileiras. Ligada às mulheres, desenvolveu o projeto Mulher e Literatura, onde apresentou relatos sobre as matriarcas nordestinas, que exerciam o papel de líder de terras enquanto seus maridos não estavam demonstrando resistência e força frente a condições sociais e de gênero.

Como representante do feminismo negro assim com bell hooks, aqui no Brasil a pesquisadora Djamila Ribeiro, filósofa e escritora tem abordado temas importantes em suas pesquisas. Autora de livros como “Pequeno Manual Antirracista” (2019), “Quem tem medo do feminismo negro” (2018), “Lugar de Fala” (2019), são algumas de suas obras. Djamila defende a ideia de que o feminismo negro não causa divisões ao movimento como um todo, mas apresenta conexões com as questões de raça, classe e gênero, para entender o lugar social ocupado pelo corpo negro, feminino, indígena, etc. Se conectando diretamente com as ideias de bell hooks que vamos apresentar mais a frente.

Como nosso alicerce teórico se constrói através de diversas pesquisadoras que têm a vida e os estudos pautados por esta temática, de diversas nacionalidades e idades, Chimamanda Ngozi Adichie (2017), traz, em formato de carta, um manifesto com quinze sugestões de como criar filhos dentro de uma perspectiva feminista, “o feminismo é sempre uma questão de contexto. Não tenho nenhuma regra. A coisa mais próxima disso são minhas duas “Ferramentas Feministas” (Adichie, 2017, p. 12). Para Adichie que mecanismos são esses? Primeiro a premissa: Eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não “se”. Não “enquanto”. Eu tenho igualmente valor e ponto final. E o segundo mecanismo é perguntar: podemos inverter X e ter o mesmo resultado? Quando a resposta envolve a igualdade de gênero, isso é feminismo. (Adichie, 2017, p. 12).

Adichie apresenta questões que estão descritas nos contos de fadas tradicionais expostos de forma natural, como por exemplo, “varra direito, como uma menina”, como se varrer direito fosse uma questão de ser mulher. Para ela a frase correta seria “varra direito, para que a casa fique limpa” e que isso fosse dito aos seus irmãos também. Ao refletirmos sobre, podemos perceber esses contos não somente com esse objetivo, como veremos mais para frente com a narrativa da pesquisadora Chauí, mas que sim, eles têm papel relevante na subjetividade das mulheres ao longo dos séculos.

E ao longo de sua narrativa Adichie trás quinze sugestões de ações para viver o feminismo, apresentando sua força de uma mulher nigeriana, negra e que conquistou uma bolsa da *MacArthur Foundation* e teve os direitos de seu livro *Americanah* comprados pela atriz Lupita Nyong’o para o cinema.

bell hooks (2023), apresenta uma teoria para o ativismo solidário, em forma de manifesto em prol da popularização do movimento feminista e tendo como referência a construção de uma justiça social, com reivindicação de direitos equitativos para todas as pessoas. A teórica feminista apresenta de forma descomplicada o pensamento feminista negro, evidenciando uma questão que circunda o movimento, a demanda de diversas vertentes feministas: o feminismo negro, feminismo liberal, feminismo marxista ou socialista, feminismo interseccional. Em *O feminismo é para todo mundo*, bell hooks discorre sobre educação, sexualidades, masculinidades, violência, direitos reprodutivos, corpo, afetividade especialmente na luta de mulheres não brancas.

Demonstrando um dos intactos a partir do movimento feminista hooks nos diz:

O movimento feminista se fortaleceu quando encontrou o caminho da academia. Em sala de aula por toda a nação, mentes jovens eram capazes de aprender sobre pensamento feminista, ler a teoria e usá-la em pesquisas acadêmicas. Quando eu era estudante de pós-graduação e me preparava para escrever a dissertação, o pensamento feminista me permitiu escolher escrever sobre uma escritora negra que não era muito lida na ocasião, Toni Morrison. Pouquíssimos trabalhos literários sérios foram feitos sobre obras de escritoras negras antes do movimento feminista. [...] O movimento feminista criou uma revolução quando exigiu respeito pelo trabalho acadêmico de mulheres, reconhecimento desse trabalho do passado e do presente e o fim dos preconceitos de gênero em currículos e na pedagogia. (hooks, 2023, p. 43)

Infelizmente o que vemos e lemos nos jornais é bem diferente, recentemente em dezembro de 2023, uma pesquisadora e professora da Universidade Federal do

ABC (UFABC), recebeu um parecer do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) afirmando que “reconhecemos sua carreira, entretanto você não realizou pós-doutorado fora”. E ainda complementa “provavelmente suas gestações atrapalharam essas iniciativas, o que poderá ser compensado no futuro”, o órgão responsável por tal nota, admitiu o erro e afirmou que a realização de pós-doutorado no exterior não era requisito eliminatório e que o texto enviado a candidata expressava “juízo de valor preconceituoso”.

Ao refletir sobre situações como essa, percebemos que a subjetividade das mulheres vem sendo construída através de padrões, que a própria sociedade patriarcal constituiu. Ao realizar o movimento de transpassar, como no caso da tentativa de ingressar em um edital de pesquisa, ocorre o veto dessa pesquisadora. Como a sociedade será capaz de debater sobre e alterar esses moldes vinculados às mulheres?

Em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, hooks (2017), faz uma análise crítica sobre a prática pedagógica tradicional e enfatiza a necessidade de ensinar visando um sujeito autônomo, pautando-se em Paulo Freire.

Em um capítulo inteiro dedicado ao pensamento feminista, bell hooks (2017, p. 151), descreve sua trajetória lecionando sobre Estudos da Mulher, sobre feminismo da pós-graduação e tendo como foco os Estudos Negros. Em seus anos lecionando no programa de Estudos da Mulher percebeu que seus alunos eram todos negros, mas que existia um ceticismo fundamental acerca da importância do movimento feminista para se discutir sobre raça e racismo, ou para qualquer análise da experiência negra e da luta pela libertação dos negros. hooks nos leva a refletir e rever questões como se o feminismo é para todos, como pode ter o foco apenas em mulheres brancas? ou em determinada classe social? As discussões acerca das lutas feministas chegam até as minorias? bell hooks (2017, p. 153,154) descreve:

A aluna ou o aluno negros que não têm formação anterior em estudos feministas geralmente se veem numa classe predominantemente branca. A falta de familiaridade com os temas em discussão pode levar os alunos negros a se sentir em desvantagem não só academicamente, mas também culturalmente. Se uma aluna negra admite que não conhece os trabalhos de Audre Lorde¹⁰ e o resto da classe solta um grito de surpresa, como se isso fosse impensável e inadmissível, esse grito evoca a sensação de que o feminismo, na verdade, é uma seita fechada cujos membros são geralmente brancos. (hooks, 2017, p. 153,154)

¹⁰ Foi responsável por cunhar o termo autocuidado na década de 1980, escritora, feminista, negra, lésbica, filha de imigrantes caribenhos que viviam nos Estados Unidos.

Não podemos deixar de citar Carolina Maria de Jesus, após abordar a temática do feminismo negro defendido por bell hooks. Carolina nasceu em Sacramento-MG em 1914, negra e filha de migrantes, frequentou o Colégio Allan Kardec (primeira escola espírita do Brasil), onde crianças pobres eram mantidas por pessoas influentes na sociedade. Com 23 anos e mãe de três filhos assistiu o surgimento e o crescimento das favelas em São Paulo, foi em meio a favela do Canindé que passou a exercitar seu gosto pela leitura e da escrita, iniciando sua trajetória como memorialista de “o quarto do despejo” e nos cadernos que encontrava no lixo ficariam registrados o que mais tarde viria a ser “diários de uma favelada”. Carolina Maria de Jesus faleceu em 1977, mas seu legado de mais de cem mil exemplares de O Quarto do Despejo não podem ser esquecidos.

Dando continuidade às pesquisadoras negras Françoise Vergès (2020) aborda a teoria feminista e a importância da conscientização da pluralidade e das pautas dos feminismos, cresceu na África, em uma colônia francesa. A partir de suas experiências Vergès nos mostra a problematização causada pela colonização e como essa reverbera na forma de opressão às mulheres que ali habitam. Foi com sua visão da realidade que percebeu a ligação entre capitalismo, racismo, sexismo e imperialismo e imersa nessa dinâmica começou a desenvolver interesse pelas lutas para emancipação e sua trajetória anticolonial. (Nogueira, Goromar, 2021).

Para Vergès é preciso partir de um olhar descolonizador, deixando de lado o olhar europeu, cristão, heterossexual e branco e perceber as lacunas presentes nesse contexto, sendo necessário um contra-discurso para esse olhar unificador com relação ao movimento feminista.

Outra autora importante sobre a temática é Sara Ahmed (2022), escritora e acadêmica australiana de temas como teoria feminista, feminismo lésbico, teoria *queer*, teoria crítica da raça e pós-colonialismo. Em sua obra Ahmed apresenta a temática do feminismo de forma fluida, já que seu livro surgiu em conjunto com o *blog* que mantinha em paralelo.

Para Sara Ahmed (2022, p. 15,16):

Um movimento feminista é um movimento político coletivo. Muitos feminismos significam muitos movimentos. Um coletivo é aquilo que não fica parado, mas que cria movimento e é criado por ele. Penso na ação feminista como ondulações na água, uma pequena onda, possivelmente criada por agitações no clima; aqui e ali, um movimento puxando o outro, outra ondulação, para fora, expansiva. Feminismo: o dinamismo de criar conexões. E, ainda assim, um movimento precisa ser construído. Fazer parte de um movimento demanda buscar lugares de encontro, lugares para

estarmos juntas. Um movimento é também um refúgio. Encontramo-nos; temos um ponto de encontro. Um movimento vem à luz para transformar o que existe. Um movimento precisa se assentar em algum lugar. Um movimento não é só ou simplesmente um movimento; existe algo que precisa ficar quieto, em seu espaço próprio, se somos movidas a transformar o que existe. (Ahmed, 2022, p. 15, 16)

Pesquisadora da área Raewyn Connell (2015, 2016), é também australiana, socióloga transexual e ficou bastante conhecida no Brasil a partir de seus trabalhos sobre masculinidade, sendo ela a criar o termo masculinidade hegemônica, um dos principais operadores dos estudos sobre os homens no mundo. Connell aborda como o movimento feminista e gay nos anos 60 e 70 provocaram uma revolução em diferentes lugares do mundo. Em seu trabalho consegue apresentar a diversidade dentro do próprio movimento feminista, contribuindo para o debate sobre as questões de gênero e dos movimentos sociais. (Alves, 2016)

Gerda Lerner (2019) historiadora, escritora e professora, fundamental na pesquisa da história das mulheres escreveu o livro intitulado “A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens”, onde apresenta de forma fluida a apontamentos históricos sobre a construção do sistema de opressão do patriarcado, responsável por manter a dominação dos homens sobre as mulheres. Lerner soube bem o que era a opressão desde muito jovem, já que era judia e viveu a experiência nazista nos campos de concentração. Quando chegou aos Estados Unidos começou sua militância antifascista, tendo publicado em jornais e até mesmo colaborar com seu segundo marido Carl Lerner em roteiros de filmes. Gerda Lerner somente conseguiu entrar na faculdade aos 38 anos, fez pós-graduação e passou a dedicar seus estudos às irmãs sufragistas Grimké¹¹ e a história afro-americana. Lerner criou também o primeiro curso dos Estados Unidos, História das Mulheres, dedicado a mostrar que as mulheres têm uma história e que ao perceber isso criam uma consciência coletiva. Gerda faleceu aos 92 anos e no final de sua jornada, mostrava-se decepcionada pelo rumo que o feminismo havia tomado, deixando de lado as mobilizações coletivas de mulheres, para focar na questão de gênero. (Ribeiro, 2021).

Para Gerda Lerner, o controle patriarcal sobre o corpo feminino vem de sociedades antigas, essa apropriação sexual e reprodutiva, servindo para

¹¹ Sarah e Angelina Grimké cresceram em uma família escrava na Carolina do Sul. Foram as primeiras mulheres brancas a defender a abolição da escravatura e o direito das mulheres. Angelina escreveu Apelo às Mulheres Cristãs do Sul, implorando para que elas apoiassem o movimento antiescravista.

estabelecer relações econômicas, o que antecede a formação de propriedade privada e da sociedade de classes. Com isso, a autora contesta algumas produções de cunho marxista que associam a transição ao sistema capitalista ao controle sobre a sexualidade e reprodução das mulheres, as colocando nas funções domésticas.

De acordo com Ribeiro (2021, p. 8):

A análise da autora também perpassou o aspecto religioso, buscando, nas simbologias da Bíblia, similaridades com o construto do patriarcado. Segundo a narrativa bíblica, desde a criação de Adão e Eva, o ato de nomear e de controlar sexualmente as mulheres é designado ao homem como expressões da vontade divina. Para Lerner (2019), o monoteísmo foi o responsável por intensificar as relações patriarcais na sociedade, o que pode ser comprovado pelo estudo de fontes históricas tanto do momento de escrita da Bíblia quanto do momento da narrativa, isto é, vários séculos antes. (Ribeiro, 2021, p.8)

Para Silva & Camargo (2020, p. 49):

O estudo da articulação dos diversos papéis femininos na sociedade constitui um exercício intelectual, permeado por sentimentos que se modificam conforme a história da mulher é lembrada. Sobretudo na segunda metade do século XX, muitas mudanças significativas ocorreram em relação à situação das mulheres, destacando-se os direitos legais adquiridos, inserção no espaço público e as mudanças na esfera privada que resultaram em maior autonomia nas escolhas afetivas. (Silva & Camargo, 2020, p.49).

Não poderíamos deixar de abordar a vida e as obras de Simone de Beauvoir, que nasceu em Paris, França no ano de 1908 e faleceu na mesma cidade aos 78 anos. Simone era de uma família burguesa e que entrou em decadência com a Primeira Guerra Mundial, seu pai era advogado e sua mãe cuidava das questões do lar. Junto com sua irmã mais nova estudou em uma das escolas mais prestigiadas e que era constituída apenas de meninas de mesma classe social, o *Institut Adéline Desir*, posteriormente estudou Filosofia em Sorbonne onde conheceu seu companheiro Jean-Paul Sartre. Foi durante a Segunda Guerra Mundial que Simone de Beauvoir escreveu e publicou seus textos literários e filosóficos, fundando após o fim da Segunda Grande Guerra a Revista *Les Temps Modernes* (publicada de 1945 a meados de 2019) dedicada à literatura e a temas políticos, apesar da forte resistência a presença e atuação das mulheres no contexto intelectual e acadêmico, Simone de Beauvoir escreveu inúmeros ensaios, manifestos e contos, que apresentam suas contribuições para o existencialismo, a fenomenologia e a filosofia feminista e demonstram a especificidade do projeto

intelectual de Beauvoir, em que a ética, a política e a teoria feminista são temas centrais (Candiani, 2020).

Em sua obra considerada canônica “O segundo sexo”, fruto de uma longa pesquisa feita de 1946 até 1949, e que não foi pensado inicialmente como uma obra feminista, mais como uma forma de apresentar uma discussão sobre a condição das mulheres na sociedade em meados no século XX, e trabalhando conceitos como o de situação (trabalhado muito na corrente existencialista na psicologia).

Simone de Beauvoir relata que a mulher é prisioneira de uma condição de inferioridade, limitadas, constituindo ao longo do contexto histórico e pautada nas questões biológicas uma justificativa para o local onde são postas, que são enfatizadas através de mitos sobre o psiquismo, questões de intelectualidade, papéis sociais, etc. Um papel secundário, já que aos homens cabe o espaço de dizer o que significa ser mulher e o que significa ser homem. (Beauvoir, 2009)

Abordando a temática no contexto atual, temos Donna Haraway - Feminismo socialista/comunista estadunidense, que trabalha questões sobre tecnologia e as teorias feministas e a relação homem-computador.

A pesquisadora é contra o discurso de naturalização do “ser mulher” na medida em que, por muitas gerações, foi dito às mulheres que elas são “naturalmente” fracas, submissas, excessivamente emocionais e incapazes de serem racionais. Que faziam parte de “sua natureza” ser mães em vez de executivas, que elas preferiam as tarefas do lar a estudar Física. E, se todas essas coisas são naturais, significa que não podem ser mudadas. De acordo com Haraway, essa natureza feminina nada mais é do que fruto de uma construção social patriarcal, e é a partir daí que entendemos a necessidade do feminismo para desconstruir esses discursos naturalizantes.

Um dos principais preceitos propostos por Donna Haraway é o de “utilizar as tecnologias de rede para a modificação da realidade político-social das mulheres”. (Haraway, 2009, p. 36).

Muitas são as ativistas e pesquisadoras feministas no Brasil e no exterior, a intenção desta revisão foi trazer à discussão autoras feministas que tiveram papel significativo levando suas realidades em consideração, chegando até mesmo ao ciberfeminismo com as pesquisas de Haraway. As vertentes feministas ainda irão apresentar novas ideias, questionamentos e defesas, entretanto o que se busca é a efetiva aplicação dos pilares do feminismo descritos anteriormente.

2.3 CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas têm uma longa história que remonta à antiguidade, já que a utilização da linguagem para trocar informações foi fundamental na organização das primeiras sociedades. A partir deste desenvolvimento as narrativas tornaram-se mais complexas, surgindo os cânticos e poemas sagrados, que estão nas raízes da Literatura. São frutos de narrativas populares, passadas de geração a geração, por pessoas anônimas, que muitas vezes eram mulheres, como é possível perceber através até mesmo da obra de Platão, do século IV a.C., onde o mesmo se referia ao *mythos graós* “conto das velhas”, usados para entreter crianças e narrados por velhas da sociedade. (Merege, 2019).

Rodolpho Bastos e Joanna Nogueira afirmam que “a origem dos contos de fadas nos remete ao mito, mesmo que os contos sejam relatados de forma casual, cotidiana, otimista e com um final sempre feliz, vez que o mito possui quase sempre um desfecho trágico” (Bastos; Nogueira, 2016, p. 17). Em relação a isso, Mariza Mendes (2000, p. 125) discorre que “os contos são herdeiros dos mitos, que, por sua vez, se originaram de rituais praticados nas comunidades primitivas”.

Assim, de tempos em tempos, o homem foi transmitindo sua cultura por intermédio de histórias contadas oralmente; eram contos folclóricos, contados junto a fogueiras entre os camponeses. Esses contos eram, sobretudo, um relato sobre a rotina desses povos, suas dificuldades e alegrias e a intenção das histórias era entreter os adultos após um longo dia de trabalho.

Podemos separar os contos em alguns tipos de acordo com suas temáticas e personagens: 1. Contos que contêm personagens da mitologia e folclore, como fadas, elfos e seres mágicos. 2. Contos de fadas com heróis, que enfrentam desafios e crescem através de provações (sempre presente na Jornada do Herói descrita por Joseph Campbell, a qual descreveremos mais adiante), como João e Maria e Aladim. 3. Contos de fadas focadas nas histórias de amor como A Bela e a Fera e A Pequena Sereia. 4. Contos de fadas com protagonistas representados por animais com características humanas como em O Patinho Feio e Os Três Porquinhos e 5. Contos de fadas com aventura com ação, como Peter Pan.

Podemos encontrar semelhanças e diferenças entre os mitos e os contos de fadas. Entre eles a ideia de que nos contos de fadas os heróis ou heroínas, podem ou não ser punidos pelos seus atos, outro ponto é o de que para transpor certa situação, estes personagens precisaram adotar novas atitudes, a fim de solucionar

seus questionamentos. Outro ponto que diverge entre mitos e contos é o fato de que os mitos apresentam um desfecho pessimista, apresentando a morte do herói de forma trágica, enquanto os contos trazem em seu desfecho os ditos “ finais felizes”.

Outra característica presente e distinta entre estas narrativas é a presença do contexto histórico e também cultural em evidência. Enquanto nos mitos estes pontos são bem descritos e característicos, como no mito de Édipo, onde a cultura grega é descrita, nos contos de fadas esses detalhes não são evidenciados, mesmo que a civilização de origem tenha influência, isso não se mostra nas narrativas, assim como espaço temporal. (Silva, 2017).

Como destaca Paiva (1990, p. 20), “nos contos de fadas o tempo e o país não são evidentes, pois geralmente eles começam com: “Era uma vez, num castelo no meio de uma floresta...”. Apesar disso os ambientes são familiares e plausíveis da existência de homens e situações que podem ocorrer no contexto social, como a exemplo a história de João e Maria, onde o pai é pobre e se questiona se poderá cuidar dos filhos, ou Rapunzel e A Bela Adormecida que inicia sua história com uma família que desejava ter filhos. Outro ponto importante é o fato de que os contos de fadas, mesmo com intervenções de outras culturas, mantêm suas raízes na cultura oral popular, preservando elementos fundamentais.

Nesta relação entre mitos e contos, é que ambos possuem uma linguagem simbólica, onde é possível apresentar uma ou mais interpretações e ter inúmeros significados. Este é um ponto extremamente importante ao se analisar os contos de fadas.

Como descreve Paiva (1990, p.13), “percebe-se nos contos a composição de dois mundos que se inter-relacionam: o mundo “mágico” e o mundo real que se assemelha ao cotidiano do homem comum.” Onde normalmente as histórias se iniciam em um contexto cotidiano e no decorrer da narrativa apresenta elementos mágicos e fantásticos.

O folclorista soviético V. Propp, descreve a origem dos contos de fadas como de rituais a partir dos contos populares que eram narrados pelas pessoas. E acrescentando a este pensamento Mircea Eliade, diz que em quase todos os contos há o “final feliz”, mas sua trajetória nos mostra uma realidade séria, onde a personagem principal precisa passar por provações, morrer e renascer simbolicamente. (Eliade, 1972, p.173).

Nas palavras da filósofa Marilena Chauí (1987, p. 30):

Sem dúvida, seria absurdo tentar reduzir os contos de fadas à sexualidade e à repressão sexual, pois se o fizéssemos perderíamos a riqueza e multiplicidade de sentidos que possuem, tanto do ponto de vista literário, filosófico, histórico e sociológico quanto do ponto de vista ideológico, das relações de poder, etc. (Chauí, 1987, p. 30).

Desta forma é importante dizer que esta pesquisa é apenas uma das inúmeras opções dentro da diversidade presente nos estudos acerca dos contos de fadas, mas importante ainda é perceber que qualquer pesquisa não deve limitar suas possibilidades.

Uma das mulheres com destaque nos contos de fadas foi Madame d'Aulnoy, escritora francesa que viveu no século XVII e ficou conhecida por suas contribuições para o gênero. Escrevendo em uma época em que os contos de fadas ainda não eram amplamente reconhecidos como uma forma literária distinta, e ajudou a popularizá-los na França através de várias coleções de contos que ela publicou. (Ruiz, 2020).

FIGURA 5 - MADAME D'AULNOY



FONTE: Editora Wish (2023)

Mesmo com todas as suas produções literárias em diversos gêneros, foi com seus contos de fadas que ela se tornou mais famosa. Seus contos eram conhecidos por serem mais longos e elaborados do que muitos dos contos populares da época, e muitas vezes incluíam elementos de fantasia e magia. Muitas de suas histórias apresentavam heroínas fortes e independentes, que muitas vezes lideravam suas próprias jornadas e enfrentavam desafios corajosamente. Mesmo mantendo a moralidade e virtude que refletiam as expectativas sociais da época. Madame d'Aulnoy foi uma das primeiras escritoras a popularizar o termo “conte de fées” (conto de fadas) em francês.

TABELA 1 – RELAÇÃO DOS CONTOS CONTIDOS NOS DOIS LIVROS DE CONTOS DE FADAS PUBLICADOS POR MARIE-CATHERINE D'AULNOY.

Ano	Livro	Contos
1697	Contos de Fadas	Graciosa e Percinê A Bela dos Cabelos de Ouro O Pássaro Azul O Príncipe Duende O Ramo de Ouro A Laranjeira e a Abelha A Princesa Primavera A Princesa Roseta A Camundonga Bondosa O Carneiro Fininha Borralha Fortunata Bibelô O Anão Amarelo Serpentino Verde
1698	Novos Contos ou A Moda das Fadas	A Princesa Carpillon A Rã Benevolente A Corça no Bosque Bela-Bela ou O Cavaleiro Fortunato O Pombo e a Pomba A Princesa Bela Estrela e o Príncipe Querido O Príncipe Javali O Golfinho

FONTE: Ribeiro Filho, 2021.

Seu trabalho influenciou muitos escritores posteriores, como Charles Perrault e os irmãos Grimm, que ampliaram o gênero dos contos de fadas para o mundo todo.

2.4 A JORNADA DO HERÓI E A JORNADA DA HEROÍNA

Independentemente de seu tipo, os contos de fadas costumam combinar elementos que Joseph Campbell (2007) descreve dentro da Jornada do Herói em seu livro *O Herói de Mil Faces*, ele descreve os dezessete passos que constituem a Jornada do Herói e dão sentido ao personagem central. O livro de Campbell é dividido em três capítulos, que desenvolvem essa jornada: a **ruptura**, no momento em que a personagem sai de seu mundo para uma aventura; a **iniciação**, quando ele começa a se reconhecer e a se transformar de uma pessoa comum para um herói e o **retorno**, quando o herói retorna ao seu lar e utiliza todos os seus poderes naquele ambiente.

De acordo com Campbell existem diferenças entre as inúmeras religiões e mitologias da humanidade, mas em seu livro ele trata das semelhanças, que ao serem colocadas em uma lista se mostram bem mais amplas que as diferenças.

Em sua pesquisa Cavalcante (2021, p. 36) afirma que

Cada contexto histórico e social fornecerá questões específicas diferentes para cada mito. Entretanto, existe uma similaridade global encontrada em todas elas. E são essas características que Campbell ressalta em sua pesquisa a partir do arquétipo sobre o herói de mil faces. Como o nome indica, existe uma essência que se repete, mas esse herói pode ter vários rostos, nomes e ser de diferentes lugares e tempos, mesmo que essas comunidades nunca tenham se encontrado ou tido contato entre si. (Cavalcante, 2021, p. 36).

FIGURA 6 - AS TRÊS FASES DA JORNADA DO HERÓI



FONTE: A autora (2023)

FIGURA 7 - ETAPAS DA FASE A RUPTURA



FONTE: A autora (2023)

O chamado da aventura – evento pontual onde o herói vai decidir se atende ao chamado ou não, esse chamado da aventura estabelece o objetivo do jogo e qual será o objetivo do herói.

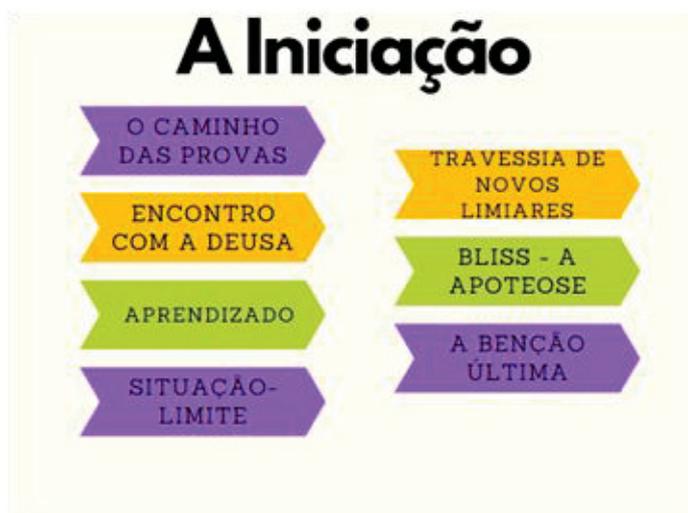
O próximo passo é chamado de recusa do chamado, uma parada na estrada, uma função dramática na história, uma pausa para que o herói possa medir os riscos da aventura.

Para que estas dúvidas sejam respondidas e resolvidas surge o estágio auxílio sobrenatural, onde o herói recebe a ajuda de um mentor, um ser mágico ou sábio, como uma velha sábia, uma fada madrinha ou alguma criatura mágica da floresta.

Partindo então para o que Campbell denomina de a travessia do primeiro linear, passando do mundo real, comum para um mundo especial, de forma metafórica atravessar uma fronteira simbólica para morrer e renascer neste mundo mágico. Mas estas fronteiras têm o que Campbell chama de guardião do limiar, uma criatura que protege e vigia essas passagens, como as gárgulas em igrejas góticas.

No ventre da baleia, é o momento em que o herói está dentro de um “casulo” que depois disso irá para o mundo de aventuras. (Campbell, 2007).

FIGURA 8 - ETAPAS DA FASE A INICIAÇÃO



FONTE: A autora (2023)

FIGURA 9 - ETAPAS DA FASE O RETORNO



FONTE: A autora (2023)

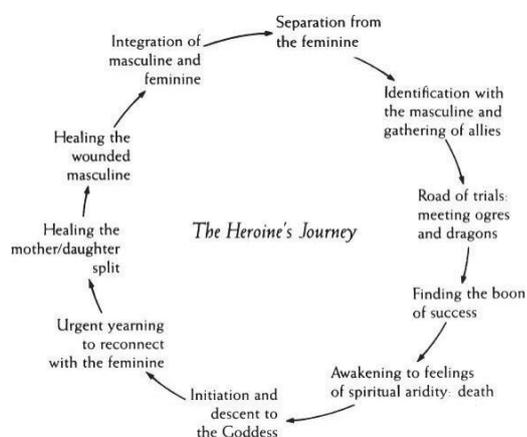
Como forma de questionamento e para complementar algumas questões, A Jornada da Heroína foi sugerida e criada por Maureen Murdock (aluna de Joseph Campbell), compreendendo que aspectos sociais e culturais criam diferenças no modo como homens e mulheres reagem às mais diversas situações.

Em seu livro intitulado "A jornada da heroína" de 2022, ela faz uma descrição das 10 etapas que envolvem a jornada das mulheres ao longo de suas vidas de acordo com seus estudos.

1. Separação do feminino;
2. Identificação com o masculino;

3. A estrada das provas ou testes;
4. O *boon* ilusório do sucesso;
5. Mulheres fortes podem dizer não;
6. Iniciação e descida a deusa;
7. Urgência em se reconectar com o feminino;
8. Curando a divisão mãe/filha;
9. Curando o masculino ferido;
10. Integração do masculino e do feminino.

FIGURA 10 - ETAPAS DA JORNADA DA HEROÍNA



FONTE: Murdock (2022)

2.5 CHARLES PERRAULT

Na Europa, mais especificamente na França no período em que Charles Perrault viveu e escreveu seus textos, reinava Luís XIV (conhecido como o “Rei Sol”), um governo absolutista e ligado à ascensão da burguesia.

De origem burguesa, Charles Perrault nasceu na França em 1628, foi escritor e poeta e ficou conhecido como o “Pai da Literatura Infantil”. Foi responsável por adaptar os contos e lendas que eram transmitidos pela tradição oral dos povos. No ano de 1697, próximo de completar setenta anos publicou seu livro intitulado “Histórias ou contos do tempo passado com moralidades” ou “Contos da Mãe Gansa”, constituído de oito contos. (Valenzuela, 2020, p. 229).

Neste contexto sua intenção era retratar o popular de uma forma irônica e moralizante, se adaptando para que estas fossem adequadas à corte francesa do

rei Luís XIV. Entretanto ao fazer seus retoques para apresentar a população erudita, Perrault suprimiu questões relacionadas à violência e sexualidade de suas histórias, como exemplo a narrativa de Chapeuzinho Vermelho, onde a história termina sem um final feliz, sem um caçador para resgatar a vovó, que fica dentro da barriga do lobo. Charles Perrault foi o primeiro autor a reformular estas histórias populares, para que fossem socialmente aceitáveis (isso como algo estabelecido pela nobreza).

É importante lembrar que os contos de fadas não eram destinados apenas às crianças, mas também como forma de entreter os adultos da população na época.

Como descrito anteriormente os contos de fadas eram oriundos de narrativas tradicionais da população, desta forma muitas vezes fogem dos padrões de comportamento propostos e muitas vezes impostos pelas instituições religiosas e pela burguesia, que possuía aval para normalizar as regras sociais. Desta forma nos contos de fadas era possível ver a sedução entre chapeuzinho vermelho e o lobo, o casamento entre uma pessoa pobre e um rico em “Rapunzel” e a aceitação da existência de afeto entre humano e criatura como em “A Bela e a Fera”.

De acordo com Falconi e Farago (2015, p. 91), “verificamos que sua intenção não era apenas de divertir a população, mas também a ideia de moralizar e instruir o indivíduo adulto a princípio e posteriormente as crianças”.

De acordo com a pesquisadora Katia Canton (Ruiz, 2020, p. 39):

Ele buscou adaptar as histórias ainda que contos pontuados por erotismo para as crianças. Quando assumiu a autoria das histórias (inicialmente, atribuiu a autoria ao filho e usou sempre a personagem da “Mamãe Gansa”) atribuiu seu cuidado na edição do conteúdo ao fato de ser um pai de quatro filhos, órfãos de mãe. Lapidou as narrativas de forma a se tornarem uma espécie de cartilhas de boa educação e conduta. Sobretudo para as meninas. E então criou as moralités ou moralidades, pequenos poemas ao final de cada conto, com uma mensagem clara sobre condutas. Por exemplo, as meninas deveriam ser doces e suaves, como a Cinderela, que caminha e até dança com um sapato de cristal sem rachá-lo; deveriam ter paciência, como é o caso de “A Bela Adormecida”, que dorme por 100 anos, aguardando seu príncipe; deveriam ser obedientes, ao contrário de Chapeuzinho Vermelho, que tomou o caminho errado e foi engolida pelo Lobo. Sabemos que, até esse momento histórico, os contos não eram pensados para crianças. Porque nem mesmo se pensava na singularidade da criança. (Ruiz, 2020, p. 39).

FIGURA 11 - CHARLES PERRAULT



FONTE: Encyclopédia Britannica (2023)

2.5.1 Chapeuzinho Vermelho - Le Petit Chaperon Rouge - 1697

FIGURA 12 - CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO - GUSTAVE DORÉ, 1862



FONTE: Bibliothèque Nationale de France (2023)

A priori preciso discorrer a respeito da escolha do conto de chapeuzinho vermelho e não outro, dos inúmeros contos que Perrault escreveu.

Na história de Chapeuzinho Vermelho existe a presença de três mulheres: a mãe de chapeuzinho, a vovó de chapeuzinho e a própria chapeuzinho vermelho,

todas com características distintas e idades também. Como a intenção desta pesquisa é analisar a presença das mulheres e suas representações dentro destes contos. Desta forma a história de chapeuzinho vermelho se mostrou relevante neste sentido e também por se tratar de um dos primeiros contos escritos por Charles Perrault.

O conto analisado será o disponível no formato manuscrito original em francês, com acesso aberto através do site do *The Morgan Library & Museum*, de Nova Iorque, datado de 1695 e que faz parte de uma coletânea de contos escritos por Perrault no livro intitulado: *Contes de ma mère l'Oye*, com o suporte da versão traduzida do livro *Contos de Fadas em suas versões originais* da Editora Wish de 2019.

FIGURA 13 - PÁGINA DO MANUSCRITO LE PETIT CHAPERON ROUGE - 1695



FONTE: The Morgan Library & Museum (2023)

O conto é composto de nove páginas, considerado um conto curto em comparação com outros, como o da Pequena Sereia que também é objeto de estudo dessa pesquisa.

Escrito em prosa e com uma moral ao final. Foi sensivelmente modificado para se adequar ao público-alvo pretendido: a aristocracia.

A seguir a história de Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault:

Era uma vez uma menina de um povoado, a mais linda que você já viu ou conheceu. Sua mãe era fascinada por ela e sua avó era ainda mais, tendo feito um casaco vermelho com capuz para a menina, que lhe cabia tão bem que, aonde quer que ela fosse, era conhecida como Chapeuzinho Vermelho.

Certo dia, a mãe tinha feito alguns bolos e disse a ela:

- Vá ver como sua avó está, pois eu soube que ela estava doente; leve um bolo e este potinho de manteiga para ela.

Logo em seguida, Chapeuzinho Vermelho saiu sem demora em direção ao povoado em que a avó morava. No caminho, precisava passar por uma floresta, e lá encontrou aquele velho camarada astuto, o sr. Lobo, que achou que deveria comê-la imediatamente, mas tinha medo de fazer isso, pois havia lenhadores por perto. Ele perguntou para onde ela ia, e a pobre menina, sem saber como era perigoso parar e ouvir um lobo, respondeu:

- Estou indo ver minha avó e estou levando um bolo e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.

- Ela mora longe daqui?- perguntou o Lobo.

- Ah, sim!- respondeu Chapeuzinho Vermelho. - No lado mais distante daquele moinho que você vê ali; a casa dela é a primeira do povoado.

- Bem, eu estava pensando em visitá-la também- retrucou o Lobo -, então vou pegar este caminho e você pega o outro, e vamos ver quem chega lá primeiro.

O Lobo começou a correr o mais rápido possível pelo caminho mais curto, que ele havia escolhido, enquanto a menina seguia pelo caminho mais comprido e se divertia colhendo nozes ou perseguindo borboletas e fazendo pequenos ramalhetes com todas as flores que encontrava.

Não levou muito tempo para o Lobo chegar à casa da avó. Ele bateu: *toc, toc*.

- Quem está aí?

- É sua netinha, Chapeuzinho Vermelho - respondeu o Lobo, imitando a voz da menina. - Trouxe um bolo e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.

A boa avó, que estava doente na cama, gritou:

- Puxe o carretel e o trinco vai subir.

O Lobo puxou o carretel e a porta se abriu. Ele pulou em cima da pobre velhinha e a comeu em pouco tempo, pois estava sem comer havia três dias. Em seguida, fechou a porta e se deitou na cama da avó para esperar Chapeuzinho Vermelho. Nesse instante, ela chegou e bateu à porta: *toc, toc*.

- Quem está aí?

Chapeuzinho Vermelho ficou com medo no início, ao ouvir a voz rouca do Lobo, mas, pensando que a avó estava resfriada, respondeu:

- É sua netinha, Chapeuzinho Vermelho. Trouxe um bolo e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.

O Lobo gritou, desta vez com um voz mais suave:

- Puxe o carretel e o trinco vai subir.

Chapeuzinho Vermelho puxou o carretel e a porta se abriu.

Quando o lobo a viu entrar, se escondeu embaixo das cobertas e disse:

- Coloque o bolo e o potinho de manteiga no armário e venha para a cama comigo.

Chapeuzinho Vermelho tirou o casaco e foi para o lado da cama, mas ficou perplexa ao ver como a avó parecia diferente de quando estava de pé e vestida.

- Vovozinha- exclamou ela -, que braços compridos você tem!

- É para abraçar você melhor, minha menina.

- Vovozinha, que pernas compridas você tem!

- É para correr melhor, querida.

- Vovozinha, que orelhas compridas você tem!

- É para ouvir melhor, querida.

- Vovozinha, que olhos enormes você tem!
- É para ver melhor, querida.
- Vovozinha, que dentes enormes você tem!
- É para comer você melhor! - E, ao dizer essas palavras, o Lobo malvado pulou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

*Ora, crianças, tomem cuidado e, principalmente, eu rezo
 Vocês mocinhas tão delicadas e belas,
 Quando encontram todo tipo de gente, tenham cuidado
 Para não ouvir o que eles podem dizer;
 Pois não se pode achar estranho se você o fizer,
 Se o Lobo decidir comer algumas.
 O Lobo, digo aqui, pois vocês vão descobrir
 Que existem muitos lobos de raças diferentes;
 Alguns têm modos calmos e são domesticados,
 Sem malícia ou temperamento, iguais,
 A maioria prestativos e doces do seu jeito,
 Gostam de seguir suas presas jovens,
 E vão rastreá-las até suas casas - todo dia!
 Quem, entre nós, não aprendeu até agora a saber,
 Os lobos mais perigosos são inimigos gentis e de língua afiada! (Avila, 2019)*

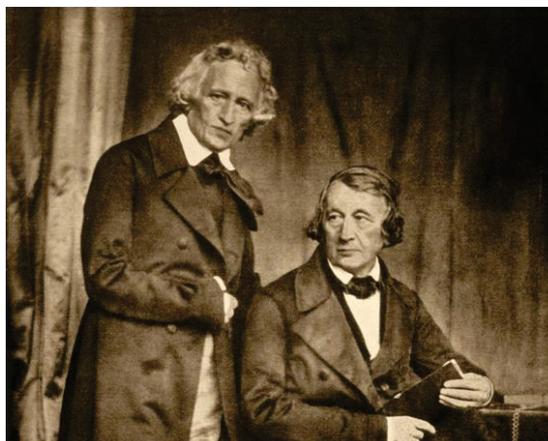
2.6 IRMÃOS GRIMM

Jacob e Wilhelm Grimm, mundialmente conhecidos como os “Irmãos Grimm”, nasceram na Alemanha, nos anos de 1785 e 1786, em meio a transformações sociais e políticas causadas pelas guerras napoleônicas e tiveram uma formação bem diversificada, eram filósofos e folcloristas, além de linguistas, poetas e escritores. Estudaram também a mitologia germânica e a história do Direito alemão.

No século XIX (1812), passaram a ampliar a coletânea de contos de fadas, recolhendo uma grande quantidade de histórias populares, com a ajuda de duas mulheres, uma camponesa e a outra francesa, que coletavam estas narrativas. Os contos mais conhecidos dos Irmãos Grimm aqui no Brasil são: “João e Maria”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, “A Gata Borralheira”, “Rapunzel” e que também podem ser encontrados nas obras de Charles Perrault, com semelhanças e diferenças. Uma das características das narrativas dos Irmãos Grimm é a simplicidade e desta forma suas histórias trazem temáticas recorrentes, como a moça pobre que se apaixona pelo príncipe ou o contrário e para que esta relação seja possível a personagem principal parte em uma jornada em busca de sua “recompensa”, tendo que enfrentar desafios que vão fazer com que este, mude sua

atitude perante o mundo e a si mesmo e se torne digno de reconhecimento e merecimento.

FIGURA 14 - JACOB E WILHELM GRIMM



FONTE: Hernández (2020)

Temos que lembrar que mais de um século separa as narrativas dos Irmãos Grimm de Charles Perrault, sendo importante ressaltar que os folcloristas alemães passaram a preocupar-se com a questão linguística e com o contexto que envolvia as histórias (Falconi & Farago, 2015, p. 89). Para exemplificar podemos apresentar a história de Chapeuzinho Vermelho, que na versão de Charles Perrault no final o lobo devora a menina e sua avó, enquanto na versão de Jacob e Wilhelm, ambas são salvas pela figura do caçador.

Quem despertou o interesse dos irmãos Grimm para a história e literatura alemãs e a um novo campo de estudos a Filologia, foi Friedrich Karl von Savigny (jurista alemão), que também os apresentou a importantes figuras da época entre eles Clemens Brentano e Achim von Arnim, escritores que defendiam a preservação das poesias populares alemãs (*Volkspoesie*). (Hernández, 2020).

Como eram grandes estudiosos de literatura, foram responsáveis por registrar as tradições populares, lendas e fábulas, e tinham como objetivo facilitar as pesquisas mais amplas e passaram a percorrer a Alemanha em busca de registros de narrativas populares, de camponeses, pastores, músicos e cantores. (Falconi; Farago, 2015).

Destas viagens e buscas, publicaram inúmeros contos, dentro do livro *Contos da criança e do lar*, onde é possível encontrar histórias que circulam pela França, como Cinderela, Os músicos de Breme, o Gato de Botas, o Lobo e os Sete Cabritinhos, entre outros. Após esta publicação os dois alteraram seu foco e

objetivo de trabalho e passaram a escrever apenas para crianças, este direcionamento se deu pelas importantes transformações culturais na Europa moderna, que gerou novas concepções acerca da infância e também pelo público adulto passar a se interessar por outros gêneros literários.

2.6.1 A Bela Adormecida – Dornröschen – Jacob e Wilhelm Grimm- 1812

FIGURA 15 - A BELA ADORMECIDA - GUSTAVE DORÉ, 1866



FONTE: Avila (2019).

Em tempos passados, viviam um rei e uma rainha que diziam um ao outro, todos os dias de suas vidas:

—Quem dera tivéssemos uma criança!

Ainda assim, eles não concebiam nenhuma. Então, uma vez, quando a rainha estava se banhando, um sapo saltou para fora da água e, agachado no chão, disse-lhe:

—Teu desejo será cumprido. Antes que um ano se passe, trará uma filha ao mundo.

Conforme o sapo havia previsto, a rainha deu à luz a uma filha tão linda que o rei não conseguiu se conter de alegria. Ele ordenou uma grande festa e não só convidou seus parentes, amigos e conhecidos, como também as mulheres sábias, a fim de que pudessem ser gentis e favoráveis para com a criança. Existiam treze delas em seu reino, mas só havia doze pratos de ouro para elas comerem e, por isso, uma teve de ser deixada de fora.

A festa foi celebrada com todo o esplendor e, à medida que se aproximava do fim, as mulheres sábias aproximaram-se para apresentar à criança seus presentes maravilhosos: uma concedeu-lhe virtude; outra, beleza; uma terceira, riquezas, e assim por diante, dando à menina tudo o que havia no mundo para se desejar. Quando onze delas já haviam dito o que vieram dizer, surgiu a décima terceira, que não fora convidada, queimando de fúria e vingança. Sem cumprimentos ou respeito, gritou em alta voz:

— No seu décimo quinto aniversário, a princesa espetará o dedo num fuso de roca e morrerá!

Sem falar mais uma palavra, ela virou-se e deixou a sala. Todos estavam apavorados com tal agouro, quando a décima segunda veio à frente, pois

ainda não havia concedido o seu dom. Embora não pudesse acabar com a profecia maligna, poderia amaciá-la. Então, ela disse:

— A princesa não morrerá, mas cairá em um sono profundo durante cem anos.

Ora, o rei, desejando salvar sua filha de tal infortúnio, ordenou que todos os fusos de fiar em seu reino fossem queimados.

A princesa cresceu, adornada com todos os dons das mulheres sábias. Ela era tão linda, modesta, doce, gentil e inteligente que ninguém que a visse poderia deixar de amá-la.

Um dia, quando a menina já estava com quinze anos de idade, o rei e a rainha viajaram para o exterior, deixando a jovem sozinha no castelo. Ela vagava por todos os cantos e recantos, e em todas as câmaras e salões, como bem entendesse, até que finalmente chegou a uma antiga torre. Subiu a escada estreita e sinuosa que a levou a uma pequena porta, com uma chave enferrujada encaixada na fechadura. Ela girou a chave e a porta se abriu. Lá, no quartinho, estava sentada uma velha com um fuso, diligentemente a fiar.

— Bom dia, senhora – disse a princesa. — O que você está fazendo?

— Estou a fiar – respondeu a velha, balançando a cabeça.

— Que coisa é esta que gira tão rápida? – perguntou a moça que, tomando o fuso na mão, começou a girá-lo. Mas assim que o tocou, a profecia maligna se cumpriu e ela espetou o dedo. Nesse exato momento, a princesa tombou de costas sobre a cama e lá ficou, em um sono profundo. Este sono caiu sobre todo o castelo. O rei e a rainha, que haviam retornado e estavam no grande salão, adormeceram, e com eles toda a corte. Os cavalos em suas baias, os cães no quintal, os pombos no telhado, as moscas na parede e o fogo que acendeu na lareira dormiram como o resto. A carne no espeto parou de assar, e o cozinheiro, que estava indo puxar o cabelo do ajudante de cozinha por algum erro que ele tinha feito, deixou-o ir e foi dormir. O vento cessou, e nem uma folha caiu das árvores sobre o castelo.

Então, ao redor daquele lugar, cresceu uma sebe de espinhos que ficava mais grossa a cada ano, até que finalmente todo o castelo estava escondido e nada dele podia ser visto, exceto o cata-vento no telhado. Um rumor chegou ao exterior sobre a bela Rosamond a dormir, pois assim era chamada a princesa. De tempos em tempos, apareciam muitos filhos de reis que tentavam forçar um caminho através da sebe; mas era impossível, pois os espinhos entrelaçavam-se como mãos fortes. Os jovens acabavam sendo capturados por eles e, incapazes de se libertar, tinham uma morte lamentável.

Muitos e longos anos depois, veio para o país um príncipe que ouviu a história de um velho sobre um castelo de pé atrás da sebe de espinhos, onde jazia uma bela princesa encantada chamada Rosamond, adormecida há cem anos junto com o rei, a rainha e toda a corte. O velho ouvira de seu avô que os filhos de muitos reis tentaram atravessar a cerca, mas foram apanhados e perfurados pelos espinhos e tiveram uma morte miserável. Em seguida, disse o jovem:

— No entanto, eu não tenho medo de tentar. Conquistarei tal sebe e verei a bela Rosamond. – O velho bondoso tentou dissuadi-lo, mas ele não quis ouvir suas palavras.

Finalmente os cem anos estavam no fim, e o dia em que Rosamond deveria ser despertada havia chegado. Quando o príncipe se aproximou da cerca de espinhos, ela transformou-se em uma cerca de belas e grandes flores, que se curvaram para deixá-lo passar, fechando-se em seguida em uma sebe espessa. Ao chegar ao pátio do castelo, o rapaz viu os cavalos e cães de caça adormecidos e, no telhado, os pombos estavam sentados com as cabeças debaixo das suas asas. Já no castelo, as moscas na parede dormiam, o cozinheiro na cozinha tinha sua mão erguida para golpear seu ajudante, e a empregada estava com a galinha d'água preta no colo, pronta para ser depenada.

Em seguida, ele subiu mais alto e viu no salão toda a corte deitada, dormindo; acima deles, em seus tronos, dormiam o rei e a rainha. Ainda assim, o príncipe foi mais longe, e tudo estava tão silencioso que podia ouvir sua própria respiração. Finalmente, ele chegou à torre, subiu a escada em caracol e abriu a porta do pequeno quarto onde Rosamond jazia.

Quando a viu, tão adorável em seu sono, não pôde desviar os olhos; e, então, abaixou-se e beijou-a. A princesa despertou e, ao abrir os olhos, contemplou-o gentilmente. Ela levantou-se e eles saíram juntos. O rei, a rainha e a corte inteira despertaram, olhando uns para os outros com espanto. Os cavalos no pátio levantaram-se e se sacudiram; os cães levantaram e abanaram a cauda; os pombos no telhado tiraram as cabeças de debaixo das suas asas, olharam em volta e voaram para o campo; as moscas na parede rastejaram um pouco mais longe; o fogo da cozinha pulou, brilhou e cozinhou a carne; o espeto no forno começou a assar; o cozinheiro deu um tapa tão forte no seu ajudante que ele rugiu de dor, e a empregada continuou depenando as galinhas d'água.

Em seguida, o casamento do Príncipe e Rosamond foi realizado com todo o esplendor, e eles viveram muito felizes juntos, até o final de suas vidas.(Avila, 2019)

2.7 HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Dinamarquês, nascido no ano de 1805, Hans Christian Andersen era poeta e escritor de histórias infantis, tendo escrito seus contos entre 1830 e 1872.

FIGURA 16 - HANS CHRISTIAN ANDERSEN



FONTE: Frazão (2021)

Suas narrativas eram simples e seus contos tinham temáticas tristes, trágicas e melancólicas que sensibilizam e despertam reflexões aos leitores e isso se deve a sua trajetória de vida. Andersen perdeu o pai com 10 anos e ficou sob os

cuidados de sua mãe que era alcoolista, sua irmã que era prostituta e sua avó uma mulher extremamente fria, para além desse contexto a família era muito pobre e Andersen cresceu nesse contexto e os transmitiu em suas histórias. (Silva, 2017).

Além disso, Andersen viveu o auge da era do Romantismo, por este motivo seus contos tinham influência e características românticas, com emoções exacerbadas, com personagens que fazem de tudo pelo amor, como poderemos verificar no conto escolhido para esta pesquisa A pequena sereia, mas também com toques do movimento artístico e literário realista, que surgiu em meados do século XIX na Europa, unindo em suas obras esses dois aspectos.

No ano de 1835, lançou seus primeiros contos intitulados “Aventuras contadas às crianças” e ao longo de sua trajetória totalizou 156 contos, sendo alguns assim como seus antecessores oriundos da tradição oral, como é o caso de “A princesa e a ervilha” e como já foi dito de sua própria trajetória de vida como a história de “O patinho feio”, que de acordo com a pesquisadora Amanda Carolina da Silva (2017), refletem um período em que Andersen não conseguia se reconhecer e nem se conectar com sua família bem como a rejeição sofrida por sua personalidade efeminada.

Outras características de suas obras são a exclusão de um final feliz que seria recompensado pelo casamento, as narrativas pouquíssimas vezes iniciadas com o famoso “Era uma vez...” e diferente de outros contos seus personagens não tem a obrigação de resolver seus problemas e o desfecho das histórias não precisa ser “e viveram felizes para sempre”.

Talvez uma de suas obras que melhor retrate suas características como autor seja “O soldadinho de chumbo”, com temas como amor, morte e desigualdades sociais.

Evidenciando padrões de comportamento exigidos por uma elite e em conformidade com a moral cristã da época, Andersen ainda conseguiu encontrar fôlego para retratar em alguns de seus contos as desigualdades sociais, mostrando não somente as injustiças dos poderosos, mas também defendendo os direitos das minorias, já que era oriundo da classe popular. As obras de Andersen têm características profundas, com reflexões sobre nossas próprias existências, sobre aceitação e de ser aceito pelos outros, reflexões estas que podem ser entendidas tanto por adultos como por crianças.

2.7.1 A Pequena Sereia – Den lille Havfrue – Dinamarca - 1837

FIGURA 17 - A PEQUENA SEREIA - EDMUND DULAC



FONTE: Avila (2019)

O conto de A pequena sereia é considerado longo, se comparado aos outros dois contos que serão analisados nesta pesquisa.

Abaixo alguns trechos da obra de Andersen, com foco nas mulheres desta história e que foi retirado do livro da Editora Wish: “Contos de fadas em suas versões originais”:

(...)Há muitos anos que o rei do mar estava viúvo e sua velha mãe mantinha a casa. Era uma mulher inteligente, mas orgulhosa de sua linhagem. Era por isso que usava doze ostras em sua cauda, enquanto todos os outros de alta posição tinham de se contentar com seis. Sobre outros aspectos, ela merecia elogios pelos cuidados que tinha para com as suas netas bem-amadas: as princesinhas do mar. Eram seis lindas crianças e a mais moça era a mais encantadora. Sua pele era clara e delicada como uma pétala de rosa. Seus olhos eram azuis como um lago profundo. Todavia, como todas as outras, não tinha pés e seu corpo terminava numa longa cauda de peixe. Durante o dia inteiro, as princesas do mar brincavam nos grandes salões do castelo, onde flores viçosas cresciam direto das paredes(...).

(...)Cada uma das princesinhas tinha seu próprio terreno no jardim, no qual podia cavar e plantar a seu bel-prazer. Uma arrumou seu canteiro de flores na forma de uma baleia; outra achou mais interessante moldar o seu como uma sereiazinha; mas a caçula fez o seu bem redondo como o sol e só quis flores rubras como o brilho dele. Era uma criança curiosa, sossegada e pensativa. Enquanto as irmãs adornavam seus jardins com as coisas maravilhosas que obtinham de navios naufragados, ela não admitia nada além de flores rosa-avermelhadas, que eram como o sol lá no alto, e uma estátua de mármore. A estátua era de um encantador rapaz, esculpida em pura pedra branca, que havia descido ao fundo do mar depois de um

naufrágio. Perto dela, a princesinha havia plantado um salgueiro cor-de-rosa, que cresceu esplendidamente e deixava sua fresca folhagem cobrir a estátua até o solo azul, arenoso, do oceano. Sua sombra ganhava um matiz violeta e, como os ramos, nunca ficava parada. As raízes e a copa da árvore pareciam estar sempre brincando, tentando beijar uma à outra.(...)

(...)— Quando vocês completarem quinze anos – disse a avó —, vamos deixá-las subir até a superfície e se sentar nos rochedos à luz do luar, para ver os grandes navios passarem. Verão florestas e também cidades.

No ano seguinte, uma das irmãs completaria quinze anos, mas as outras... bem, cada uma era um ano mais nova que a outra, de modo que a mais nova teria de esperar nada menos que cinco anos para subir das profundezas do mar para a superfície e ver como são as coisas por aqui, mas cada uma prometia contar às outras tudo que visse e o que lhe parecia mais interessante naquela primeira visita, pois nunca estavam satisfeitas com o que a avó contava. Havia uma infinidade de coisas sobre as quais ansiavam ouvir. Nenhuma das sereias era mais curiosa do que a caçula, e era também ela, tão quieta e pensativa, a que tinha de suportar a mais longa espera.(...) Aquelas pessoas nem sonhavam que uma sereiazinha estendia suas mãos brancas para o casco do navio que fendia as águas(...)

(...)Na primeira vez que as irmãs subiram à superfície, ficaram encantadas de ver tantas coisas novas e bonitas. Porém, quando ficaram mais velhas e podiam emergir sempre que queriam, mostravam-se menos entusiasmadas. Sentiam saudade do fundo do mar. E depois de um mês diziam que, afinal de contas, era muito mais agradável lá embaixo – era tão reconfortante estar em casa! No entanto, muitas vezes, ao entardecer, as cinco irmãs davam-se os braços e flutuavam juntas. Suas vozes eram encantadoras, como nenhuma criatura humana poderia possuir.

(...)Quando as irmãs subiam pela água de braços dados, a caçula sempre ficava para trás, sozinha, acompanhando-as com os olhos. Teria chorado, mas as sereias não têm lágrimas e sofrem muito mais que nós.

— Ó! Se pelo menos eu tivesse quinze anos – ela dizia. — Sei que vou gostar muito do mundo lá de cima e de todas as pessoas que vivem nele. Então, finalmente, ela fez quinze anos.

— Bem, agora você logo escapará das nossas mãos – disse a velha rainha, sua avó. — Venha, deixe-me vesti-la como suas outras irmãs.

E pôs no seu cabelo uma coroa de lírios brancos em que cada pétala de flor era metade de uma pérola. Depois, a velha senhora mandou trazer oito grandes ostras para prender firmemente na cauda da princesa e mostrar sua alta posição.

— Ai! Isso dói – disse a Pequena Sereia.

— Sim, a beleza tem seu preço – respondeu a avó.

Como a Pequena Sereia teria gostado de se livrar de todos aqueles adornos e pôr de lado aquela pesada coroa! As flores vermelhas de seu jardim assentavam-lhe muito melhor, mas não ousou fazer nenhuma alteração(...)

(...)Já era muito tarde, mas a Pequena Sereia não conseguia tirar os olhos do navio ou do belo príncipe. (...)

Ela estava à procura do jovem príncipe e, no momento em que o navio se partia, viu-o desaparecer nas profundezas do mar. Por um instante, ficou bastante entusiasmada, pois pensou que agora ele poderia viver no seu mundo. Mas logo se lembrou que os seres humanos não vivem debaixo d'água e que ele só chegaria morto ao palácio de seu pai.

(...)A sereia beijou-lhe a fronte e ajeitou-lhe para trás o cabelo molhado. Aos seus olhos, ele parecia a estátua de mármore que tinha em seu jardimzinho. Beijou-o de novo e fez um pedido para que ele pudesse viver.

(...)Ela sempre fora silenciosa e pensativa, mas agora estava mais do que nunca. Suas irmãs lhe perguntaram o que vira durante sua primeira visita à superfície, mas ela não lhes contava nada. (...)Contudo, nunca via o príncipe e por isso sempre voltava para casa ainda mais cheia de tristeza do que antes. Seu único consolo era ficar em seu jardimzinho, com os braços em torno da estátua de mármore, tão parecida com o príncipe. Nunca mais

cuidou das suas flores, que se espalhavam selvagememente ao longo dos caminhos, entrelaçando seus longos galhos nos ramos das árvores, até obscurecer tudo.

(...)E ela recordava como aninhara a cabeça dele em seu peito e com que carinho o beijara. Mas ele não sabia nada disso e nunca sequer sonhara que ela existia.

(...)— Você veio na hora certa – disse a feiticeira. — Amanhã, quando o sol se levantar, eu não serei mais capaz de ajudá-la. Vou preparar um elixir para você. Terá de nadar até a costa com ele antes do nascer do sol, sentar-se na praia e tomá-lo. Sua cauda, então, se dividirá em duas e encolherá para se transformar naquilo que os seres humanos chamam de “belas pernas”. Mas vai doer. Você sentirá como se uma espada afiada a cortasse. Todos que a virem dirão que você é a mais bela humana que já encontraram. Manterá seus movimentos graciosos, nenhuma dançarina jamais deslizará tão suavemente, mas cada passo que der a fará sentir como se estivesse pisando em uma faca afiada, o bastante para fazer sangrar seus pés. Se estiver disposta a suportar tudo isso, posso ajudá-la.

— Sim – disse a Pequena Sereia com voz hesitante, mas voltou seus pensamentos para o príncipe e ao prêmio de uma alma imortal.

— Pense nisso com cuidado – alertou a feiticeira. — Uma vez tomada a forma de um ser humano, nunca mais voltará a ser uma sereia. Você não será capaz de descer nadando ao encontro do palácio de seu pai e de suas irmãs. A única maneira de conseguir uma alma imortal é conquistando o amor do príncipe e fazer com que ele esqueça o pai e a mãe por amor a você. Ele deve tê-la sempre em seus pensamentos e permitir que o padre una suas mãos para que se tornem marido e mulher. Se o príncipe se casar com outra pessoa, na manhã seguinte seu coração se quebrará e você se tornará espuma na crista das ondas.

(...)— Mas terá que me recompensar – disse a feiticeira. — Você não receberá minha ajuda sem nada em troca.

(...)Cada passo que ela dava, como renunciara a feiticeira, a fazia sentir dores atrozes como se estivesse pisando em facas e agulhas afiadas, mas suportou de bom grado. Caminhou com a leveza de uma bolha de sabão ao lado do príncipe. Este e todos que a viram ficaram maravilhados com a beleza de seus movimentos graciosos.(...)Todos ficaram encantados, especialmente o príncipe, que a chamou de sua pequena desamparada. Ela continuou dançando, apesar da sensação de estar pisando em facas afiadas cada vez que seu pé tocava o solo. O príncipe disse que ela nunca deveria deixá-lo e ela teve permissão para dormir do lado de fora de sua porta, em uma almofada de veludo.

(...)Ela subiu com o príncipe ao topo das altas montanhas e, embora seus delicados pés sangrassem e todos pudessem notar o sangue, ela apenas sorria e acompanhava o príncipe até onde podiam ver as nuvens abaixo deles, parecendo um bando de pássaros que viajam para terras distantes.(Avila, 2019)

2.8 NOVOS TEMPOS: RELEITURAS DOS CONTOS NA CONTEMPORANEIDADE

Nas palavras de Robert Stam (2006, p.48):

Já que as adaptações fazem malabarismos entre múltiplas culturas e múltiplas temporalidades, elas se tornam um tipo de barômetro das tendências discursivas em voga no momento da produção. Cada recriação (...) desmascara facetas não apenas do romance e seu período e cultura de origem, mas também do momento e da cultura da adaptação. (...). A adaptação, nesse sentido, é um trabalho de reacentuação, pelo qual uma obra que serve como fonte é reinterpretada através de novas lentes e discursos. Cada lente, ao revelar aspectos do texto fonte em questão, também revela algo sobre os discursos existentes no momento da reacentuação. (Stam, 2006, p. 48).

Para Verônica Daniel Kobs (2017, p. 2), as adaptações, releituras e o sentido da obra são revitalizados e muitas vezes reconstruídos, a fim de atender ao contexto histórico ao qual está inserido e o seu público de interesse, e a reacentuação não é uma opção, mas uma necessidade emergente de seu contexto.

Na contemporaneidade muitas adaptações são encontradas dos contos de fadas, especialmente produzidos pela Disney, em versões escritas e também em adaptações através de filmes.

Uma das definições de releitura que mais se aproxima com a intenção do nosso objeto de pesquisa, “o de produzir uma nova estrutura que transmita novos sentidos” é a da professora Maria Lúcia Kern, da PUC/RS (1998), proferida em uma entrevista:

A releitura permite o estabelecimento de relações entre a linguagem do artista observador e a outra, observada. Cria-se assim um diálogo entre duas linguagens que possibilita a constituição de um segundo e novo discurso. Entretanto, a releitura não é uma „homenagem” à verdade do passado, mas a construção inteligente do presente, pois ela não tem como fim revelar o sentido da primeira obra, mas produzir uma nova estrutura que transmita novos sentidos. (Tiburski, 1998).

Nossa pesquisa tem como objeto nesse contexto a obra da escritora Vita Murrow e ilustrada por Julia Bereciartu de 2019, “Lute como uma princesa - contos de fadas para crianças feministas” da Editora Boitatá de São Paulo. A partir de sua percepção do mundo e sendo feminista, Murrow aborda temáticas extremamente importantes para a sociedade.

Essa obra é composta por quinze contos que têm como protagonistas personagens mulheres e antes de iniciar as histórias a autora compartilha um texto a fim de contextualizar a intenção das narrativas e suas personagens, uma espécie de

contexto de como as histórias inseridas no livro foram coletadas e de como aquelas princesas dos contos de fadas tradicionais estavam cansadas de um estereótipo de donzelas indefesas e que precisavam de um príncipe para viver bem e feliz.

Com essa ambientação as histórias criadas por Vita Murrow acontecem e é a partir da delimitação de três contos que este estudo comparativo e descritivo se apresenta. Com o foco de ser uma pesquisa comparativa com pontos bem equilibrados e para que a análise do discurso ocorra de forma fluída, as releituras escolhidas foram: A Pequena Sereia, Chapeuzinho Vermelho e A Bela Adormecida. Diferente dos contos originais que foram classificados como curto, médio e longo, essas releituras são compostas de exatas cinco páginas cada uma.

Como foi dito em nossa introdução, essas releituras viabilizam discussões acerca de temáticas importantes, como padrões de beleza, racismo, valorização das diferenças e rompimento com as fronteiras de gênero.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Nesta etapa do trabalho descreveremos a trajetória metodológica empregada para alcançar os objetivos almejados.

De acordo com Prodanov & Freitas (2013, p.14), “a Metodologia é compreendida como uma disciplina que estuda, compreende e avalia os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica”.

Para que a pesquisa seja bem elaborada se faz necessário um método científico, e de acordo com Lakatos e Marconi (2021), posse utilizar um método científico inclusive para solucionar um problema do cotidiano, não sendo de utilização exclusiva da ciência tais métodos, entretanto afirmam que não a ciência sem a utilização de métodos científicos.

Faz-se necessário lembrar que ao longo da história muitos pensadores e pesquisadores buscaram definir um único método científico que daria suporte a todas as áreas do conhecimento. Estes estudos deram origem a diferentes correntes de pensamento e algumas conflitantes entre si. Nos dias atuais, pesquisadores entendem e admitem a combinação de dois ou mais métodos científicos de acordo com a pesquisa a ser realizada.

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a presença e descrição das mulheres nos contos de fadas e em releituras na contemporaneidade, debruçando sobre a temática do feminismo. Por esta razão será utilizado o método de abordagem dialético que de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 34), é um “método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos não podem ser relevados fora de um contexto social, político, econômico, etc”. Já que a intenção da pesquisa é entender como as mulheres foram descritas dentro destes contos e em como este discurso mudou ao longo dos séculos, o contexto social, político e econômico não pode ser deixado de lado, já que são agentes da transformação dos indivíduos.

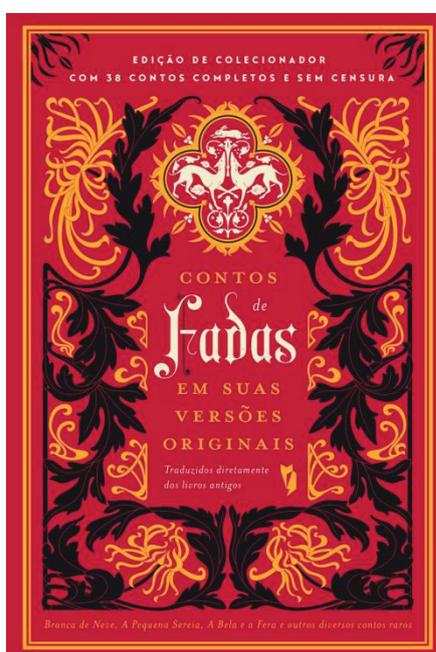
3.1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A parte empírica desta pesquisa são os contos de fadas de três autores homens da Europa, mais especificamente da França, Alemanha e Dinamarca que viveram e escreveram suas obras entre os séculos XVII, XVIII e XIX. Esta

contextualização se faz necessária, pois ela nos ajuda a delimitar os acontecimentos históricos e que influenciaram a sociedade e suas produções. A seguir os três contos escolhidos:

- Chapeuzinho Vermelho, escrito por Charles Perrault em 1697;
- A Bela Adormecida, escrito pelos Irmãos Grimm, em 1812;
- A Pequena Sereia, escrito por Andersen, em 1837;

FIGURA 18 - CAPA DO LIVRO CONTOS DE FADAS EM SUAS VERSÕES ORIGINAIS



FONTE: A autora (2023)

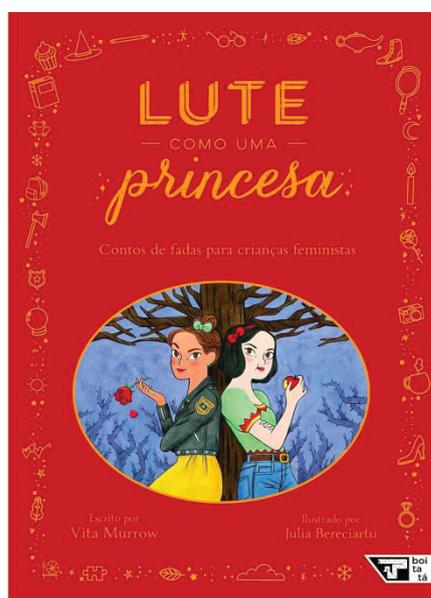
A escolha destes três contos se justifica, pois desejava-se que os autores fossem homens, para que houvesse um comparativo significativo entre estes e as releituras escrita por uma mulher, além de serem de países distintos, apesar de serem todos europeus e que viveram em séculos diferentes. Outro aspecto importante para a escolha destas obras foi presença de mais de uma personagem feminina nas narrativas para além da personagem principal.

Já as releituras selecionadas fazem parte da obra de Vita Murrow de 2019 e foram à escolha para traçar o comparativo e descrição com os contos antigos, por se tratar de uma narrativa escrita por uma mulher e feminista e apresentar uma releitura com temáticas bem contemporâneas e importantes que não eram abordadas no

contexto de Perrault, Andersen e dos Irmãos Grimm. A seguir as três releituras selecionadas:

- Chapeuzinho Vermelho, escrito por Vita Murrow em 2019;
- A Bela Adormecida, escrito por Vita Murrow em 2019;
- A Pequena Sereia, escrito por Vita Murrow em 2019.

FIGURA 19 - CAPA DO LIVRO LUTE COMO UMA PRINCESA- CONTOS DE FADAS PARA CRIANÇAS FEMINISTAS



FONTE: A autora (2023)

Desta forma os procedimentos técnicos utilizados na pesquisa serão o bibliográfico e o documental.

Para a análise desta pesquisa será utilizada a análise textual discursiva (ATD) de Roque Moraes e Maria do Carmo Galiuzzi (2020), para investigar a narrativa dos livros. Dentro deste livro, os autores apresentam um capítulo chamado Análise textual discursiva: Análise de conteúdo? Análise de discurso? Onde apresentam as características das três análises e seus momentos de convergência. De acordo com Moraes & Galiuzzi (2006, p.118), “A análise textual discursiva é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso”, fundamental para este projeto que tem por objetivo analisar como estas mulheres foram descritas nos contos.

A Análise Textual Discursiva (ATD) é constituída de três fases:

1. Unitarização: desmontagem dos textos e/ou discursos analisados, utilizando os recursos da leitura e interpretações;
2. Categorização: processo das categorias e subcategorias, para construir compreensões para os fenômenos estudados;
3. Comunicação/ Metatexto: Compreende o resultado do esforço desempenhado nas etapas anteriores, autenticando para a comunidade científica e social o todo da análise. Favorecendo a compreensão do fenômeno estudado e também criando oportunidades para a emergência de novos assuntos a serem pesquisados.

A utilização de mais de um método de acordo com Prodanov e Freitas (2013),

Podem ser identificados vários métodos dessa natureza nas ciências sociais. Nem sempre um método é adotado rigorosamente ou exclusivamente numa investigação. Com frequência, dois ou mais métodos são combinados. Isso porque nem sempre um único método é suficiente para orientar todos os procedimentos a serem desenvolvidos ao longo da investigação. (Prodanov & Freitas, 2013, p.36).

Desta forma esta pesquisa se apresenta como qualitativa, bibliográfica, de natureza aplicada, pois tem a intenção de trazer ao debate as questões relacionadas às mulheres e quanto aos objetivos apresenta-se como descritiva e explicativa. Com método de abordagem dialético e como métodos de procedimento, que utilizaremos como meios técnicos para investigação serão o método comparativo (para trazer a discussão os contos de fadas e suas releituras) e o método histórico (analisando o contexto histórico dos autores dos contos e do movimento feminista). De acordo com Gil (2019), “esses métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos, para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais.”

De acordo com Prodanov & Freitas (2013, p. 52), “a pesquisa descritiva procura classificar, explicar e interpretar os fatos que ocorrem”.

Já o método comparativo que será utilizado nesta pesquisa para comparar os contos de fadas originais e as suas releituras de acordo com Lakatos e Marconi (2021, p. 108),

(...) o método comparativo, tem a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. Pode comparar grupos do passado com o presente, ou do presente com o passado, além de sociedades em diferentes níveis de desenvolvimento. (Lakatos & Marconi, 2021).

No que diz respeito ao levantamento bibliográfico, foram selecionadas três bases de dados científicas: *Eric* (Institute of Education Sciences), *Web of Science* e BRAPCI. A partir de uma busca inicial, sem delimitação de temporalidade, utilizando em diferentes bases os seguintes termos centrais de busca:

- “Fairy Tale”
- Feminism
- “Fairy Tale” **AND** Feminism

Através desses três termos de busca encontramos os seguintes resultados:

TABELA 2 – RESULTADOS DE BUSCA NAS BASES DE DADOS: *ERIC*, *WEB OF SCIENCE* E BRAPCI.

	“Fairy tale”	Feminism	“Fairy tale” AND Feminism
<i>ERIC</i>	885	8.674	87
<i>Web of Science</i>	2.868	26.800	40
BRAPCI	6	42	0

FONTE: A autora (2023).

4 ANALISANDO OS CONTOS: ENTENDENDO OS DISCURSOS

4.1 DISCURSO: SUAS FUNÇÕES

De acordo com Brandão (2004), não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas do sujeito. Esse sentido pode ser explícito, mas na maioria das vezes não se apresenta dessa forma, deixando-se nas entrelinhas o que não se quer deixar claro ou que não é possível deixar claro. Consentindo assim a função de interpretação ao interlocutor e o emprego do sentido, sendo muito utilizada essa forma em discursos políticos, discursos jornalísticos e também em conversas do dia-a-dia.

O discurso deve ser entendido como algo que vai além da questão gramatical, levando-se em conta o sujeito, com suas crenças e valores e o contexto em que está inserido, no tempo e espaço. Entender para quem o sujeito está falando, qual a sua intenção ao produzir determinado discurso. Dessa forma o é contextualizado, ou seja, só tem sentido envolvendo-se o contexto em que foi produzido, e todos os fatores que rodeiam o sujeito que o produziu, pois é ele que decide como vai escrever ou falar.

Outro ponto importante descrito por Brandão (2004) é o fato de que os discursos são interativos, mesmo que em sua forma escrita, sendo uma forma de agir e atuar sobre o outro e por isso se apresentam dialógicos, pois conversa com outros discursos que foram produzidos por outros sujeitos, tornando-se polifônicos, já que interagem com outros e assim forma outro tipo de discurso, que apresenta ideias de outros autores, concordando ou discordando dessas.

4.1.1 Análise Textual Discursiva (ATD)

A ATD foi criada pelo professor Roque de Moraes e pela professora Maria do Carmo Galiuzzi, com a intenção de proporcionar uma opção para os pesquisadores de metodologia para a análise qualitativa em suas pesquisas. Apresenta uma junção entre a Análise de Conteúdo (AC) e a Análise de Discurso (AD), dois tipos de análises consagradas. Em sua obra, Medeiros e Amorim (2017) apresentam seis polarizações que demonstram as aproximações e as diferenças entre os três tipos de análise ATD, AC e AD.

1. Descrição e Interpretação

ATD- Descrição e interpretação (tendo como foco o sujeito envolvido) acontecem juntas; A fim de produzir teorias durante o processo investigativo.

AC- Tanto descrição (sendo a parte considerada fundamental) como a interpretação são utilizadas, mas em momentos distintos.

AD- Interpretação como ponto principal, e é utilizada de forma crítica.

2. Compreensão e Crítica

ATD- Se aproxima mais da Análise de Conteúdo. Sendo que a intenção é “radicalmente hermenêutica de construção e reconstrução de compreensões sociais e culturais relativas ao fenômeno que investiga”.

AC- Tem a compreensão como enfoque do objeto investigado. Os aspectos internos importam mais.

AD- Atenção a crítica, com um olhar externo ao fenômeno. E tem uma teoria que a alicerça previamente definida.

3. Manifesto e Latente

ATD- Perspectiva analítica, firmada na hermenêutica. “pretende envolver-se em movimentos de constante reconstrução de significados e dos discursos que investiga”.

AC- Inicialmente na década de 60 era voltada ao manifesto, mas com o tempo passou a ampliar e incluir o latente.

AD- é voltada ao latente e o usa para a interpretação e crítica. As mensagens implícitas apresentam elementos para elucidar a pesquisa.

4. Fenomenologia, Hermenêutica, Dialética e Multirreferencialidade

ATD- Tem caráter compreensivo. Ligada a Hermenêutica e a Multirreferencialidade, a fim de compreender os fenômenos de maneira plural, heterogênea e transversal.

AC- Fenomenologia e algumas vezes a hermenêutica. Permitindo que os fenômenos estudados se manifestem.

AD- Materialismo histórico e Dialético. Seu enfoque investigativo se diversifica mesmo focando na dialética.

5. Categorizar e Fragmentar

Categorização nos estudos qualitativos é uma dimensão importante para que ocorra o aprofundamento. Entretanto categorizar não é sinônimo de

fragmentar, delimitar ou reduzir, e todos os tipos de análises realizam a etapa de categorização de formas distintas.

ATD- Categorizar faz parte, é uma das fases da ATD. Mas assim como a AD, o discurso se sobressai, sendo analisado como discursos e não como fenômenos isolados, focando no todo.

AC- Ênfase nas análises de categorias, buscando relação entre o todo e suas partes.

AD- A categorização também está presente, mas não é o elemento central, sendo o discurso o foco.

6. Teorias emergentes e Teorias *a priori*

A teoria está presente no processo da investigação e faz parte da formulação dos problemas de pesquisa, as hipóteses.

ATD- A partir de um viés hermenêutico e multirreferencial que se desenrolam com teorias emergentes.

AC- Utiliza tanto teorias *a priori*, quanto emergentes

AD- Utiliza exclusivamente teorias *a priori*, devido ao foco interpretativo e crítico.

A partir desses pressupostos, escolhemos a Análise Textual Discursiva, como aparato metodológico para este estudo.

A ATD é composta de três etapas:

4. Unitarização: desmontagem dos textos e/ou discursos analisados, utilizando os recursos da leitura e interpretações;
5. Categorização: processo das categorias e subcategorias, para construir compreensões para os fenômenos estudados;
6. Comunicação/ Metatexto: Compreende o resultado do esforço desempenhado nas etapas anteriores, autenticando para a comunidade científica e social o todo da análise. Favorecendo a compreensão do fenômeno estudado e também criando oportunidades para a emergência de novos assuntos a serem pesquisados.

FIGURA 20 - ETAPAS DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA



FONTE: Moraes & Galiazzi (2020)

4.2 ANALISANDO OS CONTOS

A partir de agora vamos utilizar nosso recurso metodológico, a ATD e analisar os contos.

Durante séculos, os contos de fadas sobreviveram através da tradição oral, até que se consolidaram os primeiros registros, de autores como: Hans Christian Andersen, Jacob e Wilhelm Grimm, Charles Perrault, Joseph Jacobs, entre outros. Para a pesquisadora Carvalho (2022), temos uma sociedade patriarcal, onde as mulheres são governadas pela emoção, delicadeza, fidelidade, maternidade e os cuidados familiares, e o homem pela racionalidade, masculinidade e como o provedor. Nesse contexto, os contos de fadas representam uma das ferramentas de construção dos papéis de gênero.

De acordo com Passinato (2009, p. 47) “os contos fazem parte da infância de grande parte dos indivíduos de todas as culturas, apresentam modelos de comportamentos reforçados e punidos que podem ser imitados pelos indivíduos”.

Baum (1999) descreve que os contos fazem parte de verbalizações da tradição da cultura e enfatiza que esses se referem a contingências de reforço e punição, apresentando-se como regras para os indivíduos que têm contato. Como o fato de as jovens serem belas que é reforçado quando os príncipes encantam-se por elas à primeira vista. De acordo com o pesquisador, os indivíduos ao entrarem em contato com os contos, podem chegar à vida adulta com regras formadas, relacionadas à beleza do homem e da mulher. Podemos acrescentar que com as releituras novos significados estão sendo empregados a padrões, pois os discursos

nestas obras são o de aceitação, empatia e respeito. Entretanto, os contos de fadas tradicionais apresentam estereótipos, levando mulheres a pensar “eu tenho que ser bonita para que um homem se encante por mim”, por exemplo. Deixando clara a supervalorização da beleza, em detrimento de outras características, e também outros padrões presentes nestes contos.

Outra questão muito presente nos contos de fadas tradicionais é a ideia de que as mulheres somente serão felizes se conquistarem um príncipe, ou melhor, se forem escolhidas por um príncipe e casar. Reforçando assim a imagem de que somente o casamento pode salvar e melhorar a vida destas mulheres. Levando as mulheres a supervalorizar padrões e até mesmo a distorção corporal, em busca de um modelo dito ideal recorrendo a todos os tipos de creme, cirurgias plásticas e extremismos, colocando sua saúde e vida em risco.

Se pensarmos na figura masculina dentro dos contos de fadas tradicionais, percebemos que os aspectos que descrevem esses personagens são a masculinidade, a proteção, a inteligência, gentileza entre outros, que não colocam a beleza em primeiro lugar, ou como um fator decisivo para a aceitação da camponesa, princesa ou qualquer outra personagem feminina. Podemos perceber essas diferenças nas gerações que mais consumiram os contos de fadas tradicionais, com discursos como: “nossa como ela é linda”, “uma princesa”, em momentos em que essa característica não é o ponto central da ação.

Continuando com a análise de forma ampla dos contos de fadas tradicionais, a figura feminina era em sua maioria descrita como frágil incapaz de defender-se sozinha à espera do príncipe encantado para salvá-la. Ou o extremo oposto como uma mulher já de meia idade, que está envelhecida, é invejosa e amargurada, muitas vezes personificada como bruxas ou feiticeiras. Conceito este muito vinculado à Idade Média onde as mulheres conhecedoras dos diversos tipos de ervas e plantas, ou até mesmo mulheres empoderadas socialmente ou senhoras de seus corpos eram ditas bruxas e queimadas em fogueiras. Podemos usar como exemplo um dos contos de fadas tradicionais de nossa análise A Pequena Sereia onde a mulher sábia e com poderes é a feiticeira do mar, uma mulher corpulenta, asquerosa que falava alto, enquanto a Pequena Sereia era doce, pequena, de olhos azuis e voz aveludada.

Outro estereótipo dos contos de fadas tradicionais é a questão da passividade das personagens femininas à espera do homem que toma a iniciativa, é ele que

decide o próximo passo. Como em *A Bela Adormecida* em que a princesa Rosamond está imóvel após cair em um sono profundo e o príncipe chega ao castelo, vai até seu quarto e a vê ali imóvel e decide beijá-la, podemos perceber o quanto esse trecho e o contexto são problemáticos, na medida em que apresenta um discurso em que ao homem é permitido o contato físico em mulheres até mesmo quando elas não estão em si. Outra problemática apresentada é a divisão de atividades entre homens e mulheres nos contos de fadas tradicionais, onde as mulheres cabem os serviços domésticos e os cuidados com os filhos, enquanto os homens trabalham fora, em serviços pesados ou são herdeiros de seus reinos. Atualmente isso mudou até certo ponto, onde as mulheres passaram a trabalhar fora, mas muitas destas ainda trabalham no “terceiro turno” com os serviços domésticos.

Já o papel das madrastas que é recorrente nos contos de fadas tradicionais, após o rei perder sua esposa, normalmente em alguma tragédia ou durante o trabalho de parto, o que era muito comum nos séculos XVII, XVIII e XIX em que os autores escreveram seus contos. De acordo com Maldonado (2002) até o século XVII o parto era considerado um assunto das mulheres e resolvido de modo caseiro com a presença de uma parteira e uma acompanhante normalmente a mãe da gestante, com exceção dos partos da realeza onde o parto tinha um caráter de espetáculo onde diversas pessoas assistiam. A medicina não tinha muitos conhecimentos sobre e então cabia a parteira lidar com a situação, sendo os médicos chamados apenas em casos de partos difíceis, onde havia o sofrimento da mulher e do bebê.

Todos esses aspectos descritos anteriormente estão presentes nos contos de fadas analisados e também foram fortemente alterados e atualizados em suas releituras, que também serão analisadas com mais detalhes a seguir.

O primeiro conto de fadas a ser analisado é *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault, de 1697, um conto curto de origem francesa.

A história gira em torno de uma menina vestida com um capuz vermelho, presente de sua avó, que um dia vai até sua casa levar manteiga e bolo. No caminho encontra um lobo que a convence a pegar o caminho maior e então ao chegar lá encontra o lobo no lugar da vovó na cama.

Muitas são as versões dessa história através das épocas, além de adaptações para o teatro e cinema.

Em uma versão, por exemplo, da história de Chapeuzinho Vermelho, intitulada A história da avó de 1885, que tem muitos aspectos do folclore e da oralidade européia, a narrativa não era voltada às crianças e descreve com detalhes o momento em que Chapeuzinho aceita o convite do lobo e vai para a cama com ele. Uma cena de strip-tease acontece onde o autor descreve a personagem retirando cada peça de roupas.

“Tire a roupa, minha filha”, disse o lobo, “e venha para a cama comigo.”

“Onde deveria pôr meu avental?”

“Jogue-o no fogo, minha filha. Não vai precisar mais dele.”

Quando ela perguntou ao lobo onde pôr todas as suas outras coisas, seu corpete, seu vestido, suas meias, a cada vez ele respondeu: “Jogue-os no fogo, minha filha. Não vai precisar mais deles.”

“Oh, vovó, como você está peluda!”

“É para melhor me aquecer, minha filha!”

“Oh, vovó, que unhas grandes você tem!”

“É para melhor me coçar, minha filha!”

“Oh, vovó, que ombros grandes você tem!”

“É para melhor carregar lenha, minha filha!”

“Oh, vovó, que orelhas grandes você tem!”

“É para escutar você melhor, minha filha!”

“Oh, vovó que narinas grandes você tem!”

“É para melhor cheirar meu rapé, minha filha!”

“Oh, vovó, que boca grande você tem!”

“É para comer você melhor, minha filha!” (Delarue, 1954)

Vamos analisar uma de suas releituras, escrita por Vita Murrow, em 2019, para que possamos traçar um comparativo.

Tanto a releitura quanto o conto de Perrault apresentam o mesmo nome, mas suas narrativas são distintas, tanto em personagens, ambientação, objetos, quanto em contextos de personalidade das personagens e também com relação ao contexto cultural e histórico que envolve a escrita das narrativas.

Em suas narrativas Perrault finaliza com um trecho com 15 versos com uma moralidade para as meninas e mulheres. E também é visível sua narrativa com detalhes, descrevendo a protagonista como a visão das outras mulheres sobre ela.

De acordo com Vicente (2014), quando pensamos nos aspectos terapêuticos que a literatura pode proporcionar, em específico os contos de fadas têm para as crianças, a autora afirma que o conto de Chapeuzinho Vermelho não alcança essa finalidade, pois ao descrever com detalhes o autor tira de seus leitores a capacidade de refletir, imaginar e interpretar os acontecimentos, não ocorrendo a imersão desses e a catarse desejada.

Trechos de Chapeuzinho Vermelho:

Era uma vez uma menina de um povoado, a mais linda que você já viu ou conheceu
Sua mãe era fascinada por ela e sua avó era ainda mais

- mãe atenciosa
- menina boazinha e ingênua
- menina distraída
- vó, idosa e doente, frágil
- mulheres falam baixo e manso, o que é mostrado através do trecho em que o lobo fala a princípio com a voz grossa e depois com a voz fina para se passar pela vovó.
- meninas são obedientes, mostrado no trecho em que chapeuzinho obedece a vovó (que na verdade era o lobo) e vai deitar na cama com ele.
- Alusão ao estupro, quando o lobo a faz chapeuzinho deitar ao seu lado na cama estando pelado e a come.
- palavras no diminutivo
- versos que trazem questões morais no final do conto (ponto alto nas histórias de Perrault)
- padrões sobre as mulheres na história: delicadas, belas, mansidão ao falar
- nos versos com teor de moralidade: Se a mulher conversa e dá abertura, ela é responsável pelo ataque que sofre.
- lobo como metáfora para os homens: que existem muitos lobos de raças diferentes.
- apresenta também questões sobre relacionamentos abusivos, como estudou a pesquisadora Lucrécia Aída de Carvalho: “Alguns têm modos calmos e são domesticados, sem malícia ou temperamento, iguais, a maioria prestativos e doces do seu jeito, gostam de seguir suas presas jovens, e vão rastrear-las até suas casas- todo dia!”

Na releitura de Vita Murrow, podemos iniciar dizendo que os personagens possuem nomes. Todas as três, Filipa (Chapeuzinho Vermelho), mãe Felícia e vovó Fran, isso já nos faz refletir e analisar como o protagonismo das mulheres e esse verdadeiro reconhecimento e visibilidade com a inserção dos nomes.

De acordo com Bettelheim (2002), as histórias modernas escritas para crianças pequenas evitam problemas existenciais, embora eles sejam questões cruciais para todos nós. Entretanto são notórias ao realizarmos as leituras das

releituras dos contos, em especial as selecionadas para essa pesquisa, que aspectos extremamente importantes para a formação das crianças e para a sociedade como um todo são descritas nestas histórias. Questões como problemas ambientais, conscientização e aceitação do diferente, relações homoafetivas, questões raciais e como objeto de estudo dessa pesquisa, a participação ativa das mulheres nos processos, seu protagonismo social e reconhecimento.

Outro aspecto descrito por Bettelheim (2002) é o de que as histórias "fora de perigo" não mencionam nem a morte nem o envelhecimento. O que mais uma vez se mostra diferente nas releituras analisadas, já que inclusive na releitura de Chapeuzinho Vermelho as três gerações de protagonistas passam justamente por várias etapas de vida, chegando ao momento em que a filha Filipa torna-se avó, sendo bem sucedida no trabalho e em sua vida pessoal. Mostrando que fatores que nos contos de fadas tradicionais eram incorporados como a morte da mãe ou do pai no início das histórias, não são necessários para que haja um desenvolvimento e também que estas novas releituras servem como suporte informacional fortalecendo aspectos culturais e sociais.

Nos contos de fadas escolhidos, de Perrault, Irmãos Grimm e Andersen, os personagens são princesas, príncipes, reis, rainhas, fadas, bruxas e outros seres encantados. Enquanto nas releituras de Murrow, as personagens apesar de terem os mesmos epítetos que nos contos tradicionais, apresentam qualidades mais congruentes ao nosso contexto. Personagens mais humanizados, com anseios semelhantes aos nossos, luta pelas causas ambientais, contra o racismo, homofobia, fortalecimento da autoestima, empatia e a representatividade das mulheres e sua presença onde ela quiser estar.

Nas releituras o mal está presente também, mas ao analisarmos percebemos que é descrito que forma distinta a dos contos de fadas tradicionais pois as personagens são apresentadas de uma forma mais semelhante a do leitor, com dilemas e anseios fazendo com que assim estes personagens não sejam percebidos como vilões.

De acordo com Bettelheim (2002) tanto na criança quanto no adulto o inconsciente é um determinante poderoso do comportamento. Desta forma quanto o ambiente e as pessoas permitem que este inconsciente venha à tona e seja trabalhado através da imaginação, grandes benefícios são percebidos. Com isso podemos constatar através das análises nesta pesquisa que os contos de fadas

tradicionais e suas releituras são ferramentas importantes de desenvolvimento cultural e social independente de sua época e também no caso dos contos tradicionais atuando como agentes de informação que fazem parte da constituição da subjetividade das mulheres ao longo da história, com estereótipos da donzela indefesa, frágil e com um padrão de beleza estabelecido.

A partir dessa constatação é possível entender como as releituras têm papel importante para as mudanças almeçadas culturalmente e socialmente.

Na releitura de A Bela Adormecida, um casal homoafetivo queria muito criar um bebê com amor e adotaram uma menininha e lhe deram o nome de Aurora, mesmo nome dado à princesa na adaptação da Disney. A personagem da feiticeira nos contos de fadas tradicionais dá lugar a Fada Nebulosa (ela era sensível ao sol e por esta razão só podia sair nos dias nublados) e repreende os reis por não a convidarem para a festa de boas vindas à princesa. Magoada e com raiva ela lança um feitiço em Aurora para que ela tenha um sono insuportável e inconveniente e assim como ela se sinta sozinha, isolada, sem amigos, sem festas.

Mas ao contrário do conto tradicionais, onde Aurora acaba dormindo um sono profundo e só podendo ser acordada pelo beijo do príncipe encantado, na releitura a princesa passa a estudar sobre sua condição, estuda sobre as questões relacionadas ao sono, publica artigos, vira uma médica pesquisadora, sendo convidada a dar palestras e participar de conferências. Na releitura de Vita Murrow, Aurora e Felipe são amigos e se apóiam com relação às demandas dos reinos. E no final do conto eles não se casam, a história se encerra com o encontro entre princesa e fada e a reconciliação das duas e suas contribuições para o reino com estudos sobre questões relacionadas ao sono e diferenças circadianas, ajudando todos do reino a aceitarem e encontrarem o melhor em si.

Quando abordamos e analisamos as obras de Hans Christian Andersen, percebemos as características de suas obras que apresentam elementos mais densos e repletos de reflexões sobre a existência humana, até mesmo em personagens mitológicos como as sereias. Andersen teve uma vida difícil e fez questão de mostrar em suas obras padrões exigidos por uma sociedade patriarcal, liberal, cristã e burguesa. Destaque para os pensamentos e comportamentos cristãos, pois em A Pequena Sereia este aspecto aparece, quando a protagonista se apresenta como alguém que anseia uma alma imortal, já que criaturas como ela não a possuem.

Em A Pequena Sereia de Andersen, um dos contos de fadas mais longos analisados nesta pesquisa. As problemáticas envolvendo as figuras femininas são maiores. Contando a história de uma sereia que buscava por uma alma imortal e para isso precisava trocar seu mundo das águas pelo dos humanos e conquistar o coração do príncipe.

Nesta narrativa muitos são os trechos em que fica evidente a visão de que as mulheres eram inferiores, como nos versos em que o autor narra “o príncipe disse que ela nunca deveria deixá-lo e ela teve permissão para dormir do lado de fora de sua porta, em uma almofada de veludo”, mostrando como as mulheres deveriam obedecer e serem gratas por ter um príncipe ao seu lado. A história nos mostra também que a pequena sereia fez de tudo para estar próxima ao príncipe, deixando sua natureza para trás, aceitando qualquer situação, inclusive de outra mulher (a feiticeira), tudo para ser adequada e atender aos padrões que deste caso os humanos exigiam, mesmo sentindo muita dor, como na narrativa é descrito como “cada passo que ela dava era como se ela estivesse pisando em facas”. Outra passagem da história que trás para o debate a questão dos padrões de beleza, padrões que geram dor é o momento em que a pequena sereia está sendo adornada por sua avó e esta coloca em sua cauda oito grandes ostras presas, causando-lhe dor, e ao reclamar a avó lhe fala: “Sim, a beleza tem um preço”.

Atualmente e com as releituras como a que estamos analisando, podemos questionar esses padrões, mas para a época em que estes contos foram escritos era comum e até naturais modelos de beleza como corpos magros, alhos azuis, cabelos loiros e compridos, mãos delicadas, boca avermelhada. Além de estereótipos designados às mulheres: delicadeza, docilidade, timidez, uma postura voltada aos cuidados do lar e da família, além da relação próxima com a Igreja, indo as missas, e seguindo os mandamentos definidos por essa.

Já na releitura de Vita Murrow, a pequena sereia se chamava Marisha, era destemida e decidida. Sabia exatamente do que gostava e era curiosa. Tinha seu próprio estilo de se vestir, amava usar seu smoking preto. Ao contrário do conto tradicional, nessa história Marisha não almeja viver no mundo dos humanos, mas sim restabelecer o equilíbrio entre os moradores dos oceanos e os da terra.

O que percebemos é que novos discursos são empregados por Murrow, nessa releitura de A Pequena Sereia, a questões relacionadas ao meio ambiente e ao cuidado com os oceanos, pauta de importantes discussões atualmente e também

presente em inúmeras ações envolvendo ONGs. Na narrativa, Marisha se junta a princesa humana Melodia com a intenção de limpar as águas que haviam sido tomadas pelo lixo de uma grande indústria as margens do mar. É interessante perceber como Murrow mantêm alguns argumentos do conto de Andersen, como o dialogo entre a pequena sereia a feticheira, entretanto essa conversa tem um desfecho bem diferente, já que Marisha decide não aceitar as condições da feticheira e usa sua inteligência e habilidades para inventar uma máquina para coletar todos os lixos espalhados.

Outro ponto a ser destacado é que todas as personagens dessa história são negras, valorizando e trazendo representatividade perante a sociedade e principalmente as crianças negras. Não podemos deixar de citar aqui o *live-action* feito pelos estúdios Disney em 2023, de A Pequena Sereia (The Little Mermaid), onde a Ariel é representada pela atriz, compositora e cantora negra e que usa *dreadlocks* Halle Bailey, o que foi comemorado por muitas pessoas tanto do meio artístico como na sociedade. Entretanto assim como em todas as outras temáticas que estão dentro das pautas feministas essa não poderia deixar de ser alvo de ataques e comentários ofensivos nas redes sociais, deixando evidente mais uma vez o racismo estrutural e a urgência em combater e trazer á tona, quantas vezes forem necessárias.

A história tem como desfecho o casamento entre as duas princesas, uma do oceano e outra da terra e a união entre os dois povos. Reforçando a importância da valorização da individualidade de cada pessoa, a capacidade das mulheres de serem e estarem aonde escolherem. O respeito, a informação e a empatia são pontos percebidos durante a leitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos perceber a partir da análise dos contos de fadas e de suas releituras é que nesse caso houve uma significativa mudança na forma de apresentar as mulheres e seus papéis tanto na sociedade como no contexto privado, dentro das histórias.

Nos contos de fadas tradicionais as personagens femininas são apresentadas a partir de padrões culturais e sociais, de beleza, de posicionamento tanto familiares quanto nos espaços aos quais era permitido participar. Adjetivos como mocinha, bela, linda, delicada, adorável, pura, encantadora, pele clara, sossegada, pensativa, assustada, olhos azuis e tantos outros estão presentes nas narrativas de Perrault, dos Irmãos Grimm e Andersen, assim como estereótipos das mulheres mais velhas, como bruxa, madrasta má, velha, asquerosas, feia e feiticeira.

Enquanto nas releituras são abordadas temáticas que dizem respeito a todos e não apenas às mulheres, como deveria ser abordado também nos contos de fadas tradicionais, mas que sabemos não eram sequer debatidos em sociedade, como relações homoafetivas, o racismo, meio ambiente, papéis de gênero, capacitismo.

E palavras como ofegante, suada, surpresa, jovem corajosa, ranzinza, grosseira, desagradável, preocupada, exausta, sucesso, resiliência, infelicidade, curiosa e tantas outras, que não são usadas de forma pejorativa e sim no contexto para mostrar como lidar com sentimentos que todos os seres humanos sentem, com a diversidade, desenvolvendo a empatia, o respeito ao outro e ao diferente.

Temáticas essas que estavam presentes na época em que os contos de fadas tradicionais foram escritos, mas que não eram levados em consideração.

Em contrapartida percebemos que atualmente existem movimentos que vão em caminhos opostos há estas mudanças com relação às questões de gênero ou aos outros contextos sociais. Podemos perceber isso no contexto político, envolvendo a influência religiosa, presente como pilar nas sociedades. Como podemos perceber a partir do discurso de Michelle Bolsonaro, durante evento do PL Mulher no dia 8 de março de 2024. Em sua fala Michelle deixa claro sua postura anti-feminista, exaltando a figura masculina e a opinião de que as mulheres devem ser as “ajudadoras” de seus companheiros, em suas palavras “A gente não precisa gritar, a gente não precisa queimar sutiã, a gente não precisa desafiar a figura

masculina”. Michelle Bolsonaro, Ana Caroline Campagnolo¹², Pietra Bertolazzi¹³, Ingrid Silveira¹⁴, Bia Gusmão¹⁵, Ana Letícia¹⁶, são algumas das mulheres que se posicionam contra o movimento feminista, apresentando argumentos preconceituosos, elitistas, misóginos, racistas e indo no total oposto ao conceito de país laico, utilizando de preceitos religiosos para justificar seus discursos.

Outra mulher e figura política é a Senadora Damares Alves, que em 2018 virou ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, ficou em evidência entre tantas coisas por suas declarações acerca das mulheres, do aborto, dos povos indígenas, sobre igreja, questões LGBTQIAPN+ e infância. Discursos esses totalmente discriminatórios¹⁷. Frases como: “Chegou a nossa hora, é o momento de a Igreja ocupar a nação. É o momento de a igreja dizer à nação a que viemos. É o momento de a igreja governar”, em 01/05/2016, durante um culto religioso. Ou “As feministas estão levantando uma guerra entre homens e mulheres”, em 08/03/2018, para o Expresso Nacional.

O que percebemos com isso é que apesar de todas as pautas que o movimento feminista envolve, e sua persistência para dialogar sobre, existe um movimento conservador extremamente persuasivo e com alcance significativo à sociedade através das redes sociais e também através de representantes políticos. Um caso recente que podemos citar é da retirada da obra “o Averso da Pele” das escolas do Paraná e de Goiás em março desse ano, com a justificativa de que continua jargões e cenas de sexo inadequadas para menores de 18 anos, a decisão foi revista e em abril o livro voltou as escolas e bibliotecas dos estados.

Apesar de não ser o objeto principal dessa análise, as produções cinematográficas, que incluem adaptações de contos de fadas, apresentam mudanças em suas narrativas assim como as releituras de Vitta Murrow. podemos

¹² Deputada estadual, escritora e influenciadora, é antifeminista declarada. Com 1,4 milhão de seguidores no Instagram. Criou o “Clube Antifeminismo”, com cursos e oficinas para combate à inexistente “ideologia de gênero” e ao aborto.

¹³ Influenciadora, de 35 anos, mais de 400 mil seguidores. Apresenta em suas redes sociais temas como doutrinação política e conservadorismo. Oferece uma “masterclass” para alcançar uma vida virtuosa.

¹⁴ Evangélica e bolsonarista têm mais de 500 mil seguidores. Em um de seus vídeos ela declara: “Satanás tem usado o movimento feminista para atacar as mulheres nos dias de hoje”.

¹⁵ Denomina-se “ex-feminista” em suas redes sociais, com mais de 30 mil seguidores. Em seu perfil exalta a mulher que espera ser conquistada e construir uma família com o homem provedor.

¹⁶ Evangélica radical, com mais de 20 mil seguidores nas redes sociais. Afirma que “feminismo não luta pelas mulheres, mas sim pela libertinagem”.

¹⁷ Link para algumas das declarações da senadora:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/damares-alves-veja-frases-polemicas-da-futura-ministra-da-mulher-familia-e-direitos-humanos-1.2037042>.

citar aqui o filme *Donzela* (Damsel, 2024), lançado no streaming *Netflix* no dia 8 de março (dia internacional das mulheres). Nele as personagens mulheres são fortes, valentes e o estereótipo da madrasta má é reestruturado. Assim como foi citado o *live-action* de *A Pequena Sereia* (2023), o *live-action* de *Malevóla* de 2014, que apresenta a figura da feiticeira má, de outra forma e como protagonista.

O que podemos perceber através de nossa análise é que as mudanças que o movimento feminista busca, ao longo dos anos foram ganhando novos alicerces e contribuições. No contexto da literatura, escritoras passaram a desenvolver histórias com protagonistas femininas e com enredos envolvendo temáticas que facilitam o diálogo principalmente com as crianças independente de seus gêneros.

Dessa forma percebe-se que os livros, neste caso os de literatura infantil são ferramentas importantes para a mudança social e cultural vislumbrada pelo movimento feminista e também como reconhecimento de conquistas alcançadas.

A temática é extremamente diversificada, e com inúmeras vertentes, por isso essa pesquisa é uma das inúmeras possibilidades de trabalhar o tema. Esperamos estimular e contribuir para futuras pesquisas acerca das mulheres, sobre o movimento feminista e principalmente a respeito dos contos de fadas e da literatura infantil, como suporte informacional e agente de transformações sociais. Mas isso fica para outra história...

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chamamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- ALVES, Bárbara Elcimar dos Reis. Resenha - Gênero: uma perspectiva global. São Paulo: nversos, 2015. **Caderno de Gênero e Diversidade**, v. 2, n. 1, p. 49-51, 2016.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **Feminismo no Brasil: memórias de quem fez acontecer**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras. **Ciência da Informação**, v. 29, n.2, p. 155-167, 1999. Acesso em: 29 ago. 2023.
- ARISTÓTELES. **Poética**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- AVILA, Marina [org.]. **Contos de fadas em suas versões originais: edição de colecionador**. São Caetano do Sul, SP: Wish, 2019.
- BASTARDAS, Marta Thomen. **Tipos de feminismo que existem na atualidade**. Psicologia-Online, 2023. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/tipos-de-feminismo-que-existem-na-atualidade-456.html>. Acesso em: 28 mar. 2024.
- BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo; NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. **Dimensões**, Espírito Santo, v. 36, n. 1, p. 12-30, jan./jun. 2016.
- BAUM, W. **Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- BBC News Brasil. **Olympe de Gouges, a revolucionária francesa morta na guilhotina por defender direitos de todos**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62210363>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- BEAUVOIR. Simone de. **O segundo sexo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIBLIOTHIQUE NATIONALE DE FRANCE. **Les Contes de Perrault**. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k855619t/f40.item>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2004.

- BRITANNICA. **Germaine Greer**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Germaine-Greer>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- BURIGANA, Riccardo. A grande guerra: a Primeira Guerra Mundial (1914-2014), evento e memória. **História Unicap**, Pernambuco, v. 1, n. 1, p. 41-55, 2014.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo/SP: Editora Brasiliense S.A., 1987.
- CAGNIN, Daiane Cecília; SPAZIANI, Raquel Baptista. “Lute como uma princesa”: pedagógicas feministas na educação das infâncias. **Revista Diversidade e Educação**, v. 10, n. 2, p. 124-143, 2022.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. São Paulo, SP: Cultrix/Pensamento, 2007.
- CANDIANI, Heci Regina. Simone de Beauvoir. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 6, n. 3, p. 24-32, 2020.
- CAPES. **Gênero e ciência, um debate necessário**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://intranet.capes.gov.br/noticias/9883-genero-e-ciencia-um-debate-necessario>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 1985.
- CARVALHO, Lucrecia Ainda de. **Violência e abuso nos contos de fadas**, Curso de extensão, 2022. Apresentação de Power Point.
- CAVALCANTE, Alexia Eloar Félix. **A jornada das heroínas no cinema de animação: mitos, fantasia e símbolos em Alice no País das Maravilhas e A Viagem de Chihiro**. Orientador: Luiz Antonio Mousinho Magalhães. 2021. 135f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Literatura, Cultura e Tradução, João Pessoa - Paraíba, 2021.
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Mulheres em ação: revoluções, protagonismo, e práxis dos séculos XIX e XX. **Proj. História**, n. 30, p. 243-264, 2005.
- CEDEM. **Durante exílio, mulheres brasileiras construíram espaços de luta**. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/348/durante-exilio-mulheres-brasileiras-construiram-espacos-de-luta/>. Acesso em: 19 mar. 2024.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Repressão sexual**: essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos Editora, 2015.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos Editora, 2016.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes Cunha. **Literatura Infantil**: teoria e prática. 6 ed. São Paulo: Ática, 1987.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DELARUE, Paul. Les contes merveilleux de Perrault: faits et rapprochements nouveaux. **Arts et traditions populaires**, v. 2, n. 1, p. 1-22, 1954. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41002955?read-now=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 08 abr. 2024.

DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

EDITORIA WISH. **Quem foi Marie-Catherine d' Aulnoy, criadora dos contos de fadas**. Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/blogs/novidades/quem-foi-marie-catherine-daulnoy-criadora-dos-contos-de-fadas>. Acesso em 28 ago. 2023

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo, Perspectiva, 1972.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Charles Perrault - french author**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Charles-Perrault>. Acesso em: 28 ago. 2023.

FALCONI, Isabela Mendes; FARAGO, Alessandra Corrêa. Contos de fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, v. 2, n. 1, p. 85-111, 2015.

FRANTZ, M. H. Z. **O Ensino da Literatura nas Séries Iniciais**. 3. ed. Ijuí/RS: Editora UNIJUI, 2001.

FRAZÃO, Dilva. **Hans Christian Andersen - escritor dinamarquês**. Ebiografia. Pernambuco, 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/hans_christian_andersen/. Acesso em: 15 set. 2023.

FRIEDAN, Betty. A mística feminina. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971. Disponível em: https://catarinas.info/wp-content/uploads/2016/07/Mistica_feminina.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024.

GALVÃO, M. C. A linguagem de especialidade e o texto técnico-científico: notas conceituais. **Transinformação**, v. 16, p. 241-251, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GODOY, Gislaine A. Valadares de; COSTA, Célio Juvenal. As representações do feminino no período compreendido entre os séculos XVII ao XIX pela ótica das imagens fílmicas. **Historiae**, Rio Grande, v. 8, n. 2, p. 155-170, 2017.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HERNÁNDEZ, Isabel. **Contos de fadas dos irmãos Grimm nunca foram feitos para crianças**. National Geographic Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2019/10/contos-de-fadas-irmaos-grimm-criancas-cinderela-branca-de-neve-folclore-alemanha>. Acesso em: 28 ago. 2023.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023

KOBS, Verônica Daniel. Reescritas e releituras. **Scripta Alumni**, v. 17, Curitiba. p. 1-6, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

LERNER, GERDA. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da Gravidez: parto e puerpério**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MARS, Amanda. **Gloria Steinem: “O autoritarismo começa com o controle sobre o corpo das mulheres”**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-17/gloria-steinem-o-autoritarismo-comeca-com-o-controle-sobre-o-corpo-das-mulheres.html>. Acesso em: 30 mar. 2024.

MATOS, Júlia Silveira. Da escola dos Annales à História Nova: propostas para uma leitura teórica. **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia**, v. 4, n. 1, p. 69-88, 2013.

MEDEIROS, Emerson Augusto de, AMORIM, Giovana Carla Cardoso. Análise textual discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação. **Laplage em Revista (Sorocaba)**, v. 3, n. 3, p. 247-260, 2017.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MENDES, Mariza B.T. **Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. 148 p.

MEREGE, Ana Lúcia. **A história por trás dos contos de fadas**. In: Contos de fadas em suas versões originais: edição de colecionador. São Caetano do Sul, SP: Wish, 2019.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Filhas da luta. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 113, p. 16-18, 2015.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Revista Ciência e Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2020.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira - corpo e classe social no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

_____. **Os seis meses em que fui um homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

_____. **Memórias de uma mulher Impossível**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino - uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

MURDOCK, Maureen. **A jornada da heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2022.

MURROW, Vita. **Lute como uma princesa**. São Paulo: Boitatá, 2019.

NOGUEIRA, Fernanda de Faria Viana; GOROMAR, Júlia de Miranda. Do invisível labirinto da colonialidade à possibilidade de um feminismo decolonial: resenha da obra de Françoise Vergès. **Cadernos Pagu**, n. 62, p. 1-5, 2021.

PAIVA, Maria Beatriz Facciolla. **Os contos de fadas: suas origens histórico-culturais e implicações psicopedagógicas para as crianças em idade pré escolar**. Orientadora: Angela Valadares Dutra de Souza Campos. 1990. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Psicologia da Educação, Rio de Janeiro, 1990.

PASSINATO, Viviane. **Análise comportamental de contos de fadas: uma questão de gênero**. Orientador: Dr. Carlos Augusto de Medeiros. 2009. 64f. Monografia

(Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Saúde (FACES), Brasília, 2009.

PPGGI (Gestão da Informação) UFPR. **Interdisciplinaridade e gestão da informação**. Disponível em: https://youtu.be/8tU_F1ejnCs?si=e6Fs_xnzES7L42y-. Acesso em: 28 ago. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RADCLIFFE, Ann. **Os mistérios de Udolpho**. Inglaterra: Editora G. G. & J. Robinson, 1794.

RADCLIFFE, Ann. **O italiano**. Inglaterra: Editora G. G. & J. Robinson, 1797.

RIBEIRO, Cristiane de Paula. As implicações do patriarcado na história das mulheres: apontamentos históricos. **Gênero**, v. 22, n. 1, p. 1-8, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **Lugar de fala**. Rio de Janeiro: Editora Pólen Livros, 2019.

_____. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO FILHO, P. C. Marie-Catherine d'Aulnoy: a precursora de um gênero literário. **Revista Água Viva**, v. 6, n. 2, 2021. doi: Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/38290>. Acesso em: 19 jun. 2023.

RODRIGUES, Renata Cardoso Belleboni. **Historiografia e teoria da história**. Batatais, SP: Claretiano, 2013.

RODRIGUES, Iraci Oliveira. **As questões de gênero na Ciência da Informação: da abordagem temática à necessária reflexão epistêmica**. Orientador: Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin. 2023. 148f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

RUIZ, Regina Célia. Contos de fadas: um diálogo pelas vias da arte - entrevista com Katia Canton. **Literartes**, n. 12, p. 32-43, 2020.

SANTOS, Patrícia Espírito. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, v. 14, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. p. 317-332, 2008.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, v. 12, n. 2, Florianópolis, mai./ago. p.35-50, 2004.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, jul. dez., 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 06 mar. 2024.

SILVA, Amanda Carolina da. **O amor e a transgressão em A pequena sereia**. 38 f. Monografia de graduação (Letras) - Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Santa Cruz do Sul, 2017.

SILVA, Silvia Rocio da; CAMARGO, Denise de. A articulação de múltiplas atividades por mulheres trabalhadoras: significados e emoções. **PsicolArgum**, v.38, n.99, jan./mar. p. 46-65, 2020.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret. Para ler Bertha Lutz. **Cadernos Pagu**, n. 24, jan./jun., p. 315-325, 2005

STAM, R. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Revista Ilha do Desterro**, n. 51, Florianópolis, jul./dez. p. 19-53, 2006.

TELLES, Norma. Outras palavras. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 113, Rio de Janeiro, p. 22-24, 2015.

THE MORGAN LIBRARY & MUSEUM. **Le petit chaperon rouge**. Disponível em: <https://www.themorgan.org/collection/charles-perrault/59>. Acesso em: 15 set. 2023.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

TIBURSKI, João Paulo. Leitura e releitura: o velho e o novo discurso. **Boletim Informativo do MARGS**, n. 28, abr/jun, 1998.

VALENZUELA, Sandra Trabucco. Caperucita Roja: a chapeuzinho vermelho na poesia de Gabriela Mistral. **Literartes**, n. 12, p. 223-245, 2020.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas**: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm. Orientadora: Clarice Fortkamp Caldin. 2014. 55f. TCC (Bacharel em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

YUNES, Eliana; PONDÉ. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

**APÊNDICE A - TABELA COM TERMOS FEMININOS NO CONTO DE FADAS
CHAPEUZINHO VERMELHO**

Chapeuzinho Vermelho
Menina
A mais linda
Mãe
Avó
Netinha
Pobre velhinha
Voz mais suave
Perplexa
Vestida
Vovozinha
Crianças
Mocinhas
Delicadas
Belas
Presas jovens
Rastreá-las

**APÊNDICE B - TABELA COM TERMOS FEMININOS NO CONTO DE FADAS A
BELA ADORMECIDA**

A Bela Adormecida
Rainha
Concebiam
Filho
Menina
Filha
Linda
Mulheres sábias
Gentis
Favoráveis
Fúria
Vingança
Princesa
Profecia maligna
Amaciá-la
Adornada
Modesta
Doce
Gentil
Inteligente
15 anos – jovem
Velha fiando
Senhora
Moça
Bela Rosamond
Princesa encantada
Adormecida
Empregada
Adorável
Beijo-a

APÊNDICE C - TABELA COM TERMOS FEMININOS NO CONTO DE FADAS A PEQUENA SEREIA

	A Pequena Sereia	
Pétalas	Caçula	Cheia de tristeza
Bonitas centáureas	Tão quieta	Melhores amigas
Pura	Pensativa	Irmãzinha
Âncora	Longa espera	Recordava
Morada	Mais velha das princesas	Aninhara
Areia nua e branca	Autorizada	Beijara
Maravilhosas árvores e plantas	Deitada	Velha avó
Rainha	Visão mais bela	Velha senhora
Velha mãe	Mais ousada	Alma imortal
Mulher inteligente	Criancinhas humanas	Angustada
Orgulhosa	Aterrorizadas	Uma humana
Ostras	Assustada	Condenada
Cauda	Magnífica floresta	Amasse
Merecia	Lindas criancinhas	A mão direita
Netas	Encantadas	Promessa
Bem-amadas	Coisas novas	Alma
Princesinhas	Bonitas	Deslizaria
Lindas	Mais velhas	Obteria
Crianças	Menos entusiasmadas	Parcela
Mais moça	Vozes encantadoras	Felicidade
Mais encantadora	Cantar docemente	Humana
Pele clara	Delicias	Repulsiva
Delicada	Sozinha	Desajeitadas

Pétala de rosa	Velha rainha	Pernas
Sereiazinha	Vesti-la	Belas
Curiosa	Outras irmãs	Magnificência
Sossegada	Velha senhora	Encantadora
Pensativa	Beleza	Cantava
Irmãs	Pesada coroa	Docemente
Coisas maravilhosas	Assustada	Alegria
Estátua	Entusiasmada	A voz mais bela
Vovozinha	Esmagada	Desolada
Mais nova	Moças	Confiará
Prometia	Uma jovem	Minha felicidade
Satisfeitas	Muito assustada	Arriscaria
Sereias	Silenciosa	Minhas irmãs
Curiosa	Pensativa	Danças
Feiticeira	Espuma	Dor cruciante
Medo	Pronta	Bonito par de pernas brancas
Floresta quimérica	Pálida	Nua
Serpentes	Morta	Longo e esvoaçante cabelo
Apavorada	Recompensar	Olhar doce e triste
Palpitava	Troca	Olhos azuis
Medo	Formidável voz	Dores atrozes
Desistir	Encantará	Pisando em facas e agulhas afiadas
Coragem	Dá-la	Suportou de bom grado
Sereiazinha	O que possui de melhor	a leveza de uma bolha de sabão
Asquerosas	Poção	Beleza e movimentos graciosos

Cobras-d'água	Tirar minha voz	Vestidos suntuosos
Deseja	Restará	Criatura mais bela
Estúpida	Encantadora figura	Muda
Minha linda princesa	Movimentos graciosos	Lindas escravas
Gargalhada tão alta	Olhos expressivos	Vestidas de seda e ouro
Maléfica	Fascinar	Dançaram
Ajudá-la	Coragem	Cantou mais lindamente
Dividirá	Estire a língua	Escravas dançaram
Belas pernas	Cortá-la	Elegante
Doer	Pagamento	Belos braços brancos
Sentirá	Poderosa poção	Formosa
Espada afiada	Caldeirão	Moças escravas
Bela humana	Limpeza	Dançando
Movimentos graciosos	Feixe de víboras	Amazona
Dançarina	Talho no seio	Delicados pés
Suavemente	Negro sangue	Apenas sorria
Faca afiada	Formas estranhas	Melancolicamente
Sangrar	Assustadoras	Infelizes
Disposta	Poção mágica	Estimada
Suportar	Cristalina	Amava
Voz hesitante	Muda	Pequena criança
Ele deve tê-la	Falar	Rainha
Una suas mãos	Cantar	Esposa
Marido e mulher	Estrela cintilante	Beijava
Casar	Coração partido	Adorável fronte

Outra pessoa	Desmaiou	Preciosa
Seu coração se quebrará	Morta	Coração mais amável
Dedicada	Leveza	Boa criança
Moça	Elegância	Criança perversa
Mais nova	Delicados pés	Maldosa
É a única	Ferida	Lagrimas de dor
Amar	Dolorosa	Sorrimos
Parecida	Abandonara	Bela filha
Bonita jovem	Sacrificara	Noiva
Dar minha vida	Linda voz agonía	Princesa
Esposa	Braços brancos	Cílios longos e escuros
Amá-la	Tão pálidas	Olhos azuis sorridentes
Bela	Longos e belos cabelos	Muita sinceridade
Moça	Salvá-la	Face corada
Assemelha	Velha avó	Devotada
Minha querida mudinha	Cabelo branco	Vestida de seda e ouro
Olhos expressivos	Bela noiva adormecida	Felicidade eterna humana
Boca rosada	Olhos esmaecidos	Pobrezinha
Longo cabelo	Espuma	Sofreu
Fazendo-a sonhar	Voz da melodia	Perseverou
Felicidade humana	Etérea demais	Braços de cristal
Minha querida mudinha	Contemplá-las	Lagrimas
Irmãs	Leveza	Melancolia
Mãos brancas	Filhas do ar	Reino celestial
Sorria	Brisas frescas	Companheiras

Criada e educada	Fragrância das flores	Contemplaria
Virtudes reais	Cura	Delicada
Beleza	Bem	
Sofrera horas de	Encantadora	
Respiraria	Pele era clara	

APÊNDICE D - TABELA COM TERMOS RELACIONADOS AO FEMININO NAS RELEITURAS

Chapeuzinho Vermelho	A Bela Adormecida	A Pequena Sereia
Três gerações de mulheres	Adorável menininha	Seis filhas
Vovó Fran	Aurora	Mãe morreu
Mamãe Felícia	Nascer do sol	Mãe do rei foi morar com eles
Filha Filipa	Querida Aurora	Filhas proibidas
Família	Jovem princesa	Princesas
Menina	Fada	Responsabilizaram
Faixa vermelha na cabeça	Ranzinza	Filha caçula
Salvaram	Grosseira	Marisha
Crianças	Sensível ao sol	Mais nova
Costurou	Óculos escuros	Líder nata
Capa vermelha	Aparência pouco amigável	Princesa
Filha vestisse	Não fale comigo	Usava um smoking
Felícia cresceu	Fada nebulosa	Imensa coleção de coisas
Filha	Repreendeu	Cheia de descobertas
Menina	Deveria sentir-se acolhida	Cabelo curtinho
Chapeuzinho vermelho	Gritou	Atrevida
Avó ocupada	Penetra	Se divertir
Casa nova	Enfeitada	Amabilidade
Filipa querida	Condição	Envergonhada
Coisas para a avó	Andar pelo mundo solitária	As duas riram
Mamãe	Isolada	Nova amiga
Sempre contente em ajudar	Sem amigos	Ajudar
Cuidava dos animais silvestres	Sem dias na praia	Desesperada

Severidade	Nem cortejos ensolarados	Aprovação
Obedeceu	Amaldição	Visões
Capa que herdara da mãe	Sono inconveniente e insuportável	Criatividade
Cereja na neve	Assolará	Avó
Escolheu	Impossibilitará de divertir-se	Feiticeira
Aventurando	Desagradável	Nervosa
Sentimento estranho	Preocupadas	Acolhedora
Jogou-a	Cuidar dela	Peculiar
Caminhava	Clinica	Mulher
Ofegante	Tentava se divertir	Perda da voz
Suada	Jovem princesa	Viver aprisionada
Surpresa	Ficava exausta	Pensar
Foi acolhida	Dormindo	Amiga
Visão inesperada	Brincando de jardinagem	Juntas
Empunhando	Nadar	Fúria
Confrontá-la	Difícil ter amigos e amigas	Marinheira primorosa
Gritou vovó Fran	Chás da tarde	Trabalhando juntas
Hesitou	Aniversários	Generosidade
Segurava firme	Se sentia para baixo	Comprometimento
Alimentaria a avó	Crescia	Compaixão
Interrompendo a menina	Mais informações	Viviam lado a lado
Ajudou a avó	Incentivaram	Querida
Menina	Entender melhor sua diferença	Supervisionar
Jovem corajosa	Aprendia rápido	Superação de preconceitos
Quer ajudar	Cuidava de sua dieta	Vida juntas

Sorriu	Plano de nutrição	Se casaram
Adoraria	Academia	Recém-casadas
Detestaria	Começou a publicar artigos	
Estudar bastante	Distúrbios do sono	
Dedicou aos estudos	Curso para se formar médica	
Seguiu seus instintos	Convidada para dar palestras	
Memorizou	Participar de conferências	
Informou	Sucesso	
Tempo recorde	Segurança	
Guarda-florestal júnior	Resiliência	
Voluntária	Infelicidade	
Coordenadora	Armadilha	
Trabalho	Curiosa	
Criava sua filha sozinha	Entusiasmada	
Campanha pelos direitos dos lobos	Programação rígida	
Tornar a caça aos lobos ilegais	Espreitava	
Vovó Filipa	Escondida nas sombras	
Homenageada	Compartilhar dificuldades	
Princesa dos lobos	Efeito mágico	
	Inspirava	
	Compartilhar histórias	
	Exemplo	
	Coragem	
	Expor suas necessidades	
	Ensinar sobre as diferenças	

	Conversas	
	Compaixão e carinho	
	Compreensão	
	Acolhimento	
	Até os cantos mais sombrios	
	Diferenças que aproximam	
	Infiltrou-se	
	Escondendo-se nas sombras	
	Sozinha	
	Isolada	
	Tomou coragem	
	Tremendo	
	Desconforto	
	Temeu	
	Machucasse	
	Surpresa	
	Protegê-la	
	Delicadeza	
	Querida	
	Culpa minha	
	Fetiço horrível	
	Peço que me perdoe	
	Sinto-me rejeitada	
	Ensinou	
	Pedir ajuda	

	Abraço generoso	
	A entenda	
	Jóia	
	Sentido	
	Trouxe luz à minha vida	
	Honrar meu nome	
	Passaram a liderar	
	Inclusão	
	Pioneiras	
	Incentivados	
	Ajudar	
	Compaixão	
	Espaço para cada um	
	Viveram felizes para sempre	